



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ANGELYNA DA ROCHA MELLO

CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS NO FALAR DE
FORTALEZA: ELEVAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS

FORTALEZA

2022

ANGELYNA DA ROCHA MELLO

CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS NO FALAR DE FORTALEZA: ELEVAÇÃO
DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como um dos requisitos para à obtenção do título de Mestre em Linguística.
Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Silvana Militão de Alencar

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M476c Mello, Angelyna da Rocha.
Crenças e atitudes linguísticas no falar de Fortaleza: : elevação das vogais médias pretônicas / Angelyna da Rocha Mello. – 2022.
104 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Maria Silvana Militão de Alencar.

1. Sociolinguística. 2. Crenças e atitudes. 3. Vogais médias pretônicas. I. Título.

CDD 410

A Deus e a Nossa Senhora de Fátima.
Aos meus pais, Angelica e Afonso.
Aos meus filhos Guilherme e Joaquim.
Ao meu amor, Emanuel.
A minha filha de quatro patas, Pérola.
Ao meu irmão, Leo.
A toda comunidade autista.

AGRADECIMENTOS

A Deus, “dele vem o sim e o amém, somente dele e mais ninguém”, pelo dom da vida, pela proteção e pela realização de tantos sonhos.

À minha rainha, minha mãe Angelica, que mesmo sem ter tido oportunidade de estudar, e sem recursos, SEMPRE conduziu a mim e ao meu irmão no caminho dos estudos. Obrigada pelo incentivo, paciência, por cuidar tão bem de mim e dos meus filhos em todos os momentos. Te amo, minha rainha! Ao meu pai Afonso e meu irmão Leo, pelo apoio que me foram dados nessa jornada. Amo vocês.

Aos meus filhos: Guilherme e Joaquim. Vocês são as joias mais valiosas que Deus poderia ter me emprestado para cuidar. Meu primogênito Gui, meu Sol. Você é a minha alegria diária, minha força e minha gratidão de todos os dias! Meu caçulinha, Joca. Meu céu, o arco-íris mais lindo da vida! Obrigada por ter nos apresentado o autismo, a força da luta pela inclusão, e por nos ensinar que com amor, paciência e persistência conseguimos alcançar o que sonhamos!

Ao meu grande e eterno amor, meu esposo Emanuel. Meu porto-seguro, obrigada por sempre segurar a minha mão e não deixar desistir. Obrigada pelo cuidado, incentivo, pela parceria e por aceitar realizar meu maior sonho desta vida: a maternidade. E mais, por dividir comigo a caminhada na criação e educação dos nossos filhos. Te amo!

Aos meus amigos, de longa data, pela amizade, companheirismo, afetos e sorrisos compartilhados! “Os verdadeiros amigos, do peito, de fé, os melhores amigos”: Randall, Geana, Renata, Victor Calabria (Vitinho), Elrica. Essa vitória também é de vocês!

A todos aqueles que me ajudaram indicando os ouvintes, a todos os ouvintes que aceitaram contribuir para minha pesquisa, sempre muito atenciosos e prestativos.

À Profa. Dra. Maria Silvana Militão de Alencar, a quem tenho enorme admiração, pelo afeto dedicado à minha orientação neste trabalho.

Às professoras da banca, Profa. Dra. Hebe Macedo de Carvalho, Profa. Dra. Jacqueline Ortelan Maia Botassini, por terem aceitado o convite para participar da banca e que de forma valiosa contribuíram na minha jornada acadêmica.

A toda comunidade autista, pelo acolhimento, companheirismo, união, sorrisos e lágrimas trocados no dia a dia em busca da inclusão, de fazer valer os direitos das pessoas com deficiência (dos nossos filhos), diariamente. Pelas comemorações em cada conquista realizada.

“Se fosse fácil achar o caminho das pedras,
tantas pedras no caminho não seriam ruim.”

Engenheiros do Hawaii

“Última flor do Lácio, inculta e bela. Amo-te
assim, desconhecida e obscura. Amo-te, ó rude
e doloroso idioma!”

Olavo Bilac

RESUMO

Esta pesquisa busca descrever as crenças e atitudes linguísticas de falantes fortalezenses e não-fortalezenses, representantes de dialetos diversos, em relação ao uso das vogais médias /e/ > /i/ e /o/ > /u/, que concorrem em posição pretônica. Verificamos que, apesar de pesquisas científicas em várias regiões brasileiras e de orientações distintas terem enfatizado o quadro vocálico pretônico sob a ótica da produção, não se sabe da existência de pesquisas com base sociolinguística (terceira onda) que tratem desse tema no falar fortalezense. Pretende-se sanar esta lacuna e contribuir para a caracterização sociolinguística do Português brasileiro, especificamente no que se refere às crenças e atitudes das médias pretônicas no município de Fortaleza. O trabalho tem bases teórico-metodológicas nos princípios da Sociolinguística e nos estudos de Crenças e Atitudes (LABOV, 2008; WLH, 2006; CALVET, 2002; TARALLO, 1990; MOLLICA & BRAGA, 2020; BAGNO, 2007; ECKERT, 2012; LAMBERT E LAMBERT, 1966; FERNÁNDEZ, 1998), nas orientações da Fonética e Fonologia do Português Brasileiro (CALLOU & LEITE, 2009; CRISTÓFARO SILVA, 2003; CÂMARA JR. 2004) e da Dialectologia (NASCENTES, 1953; CARDOSO, 2015; ALENCAR, 2007; AMARAL, 1920). A metodologia consiste na aplicação de dois questionários (um fechado e outro fechado avaliativo) a 24 ouvintes: 8 naturais de Fortaleza, 8 paraenses e 8 paulistas, todos residentes na cidade de Fortaleza há pelo menos cinco anos. Os questionários foram elaborados na plataforma *Google Forms*, ferramenta que vem sendo muito utilizada em pesquisas gratuitas para a criação de formulários on-line, acessível a qualquer usuário que tenha uma conta *Google*, além de poder ser acessada com facilidade, inclusive por meio do celular. A aplicação dos questionários se deu através das redes virtuais Whatsapp, Instagram e também pelo e-mail, em razão do cenário pandêmico. Utilizamos, nos dois questionários, a técnica de falsos pares (*matched-guises*), muito comum no estudo de crenças e atitudes. A pesquisa apresenta aspectos inovadores que são a retomada do estudo das vogais médias pretônicas no/do falar fortalezense embasados nos testes avaliativos do estudo de Crenças e Atitudes, cujos resultados evidenciam que os fortalezenses, independentemente da idade, do sexo e da escolaridade, fazem uma autoavaliação positiva do seu próprio dialeto, no que se refere às variantes <e> e <o>. Entre os paraenses e os paulistas há uma avaliação menos positiva do alteamento no falar fortalezense; o alteamento vocálico pretônico apresentou-se como um fenômeno que está “acima” do nível de consciência linguística dos paraenses e dos paulistas e “abaixo” do nível de consciência dos ouvintes fortalezenses. Por fim, é possível confirmar, sob a ótica das crenças e atitudes

linguísticas, o postulado de Nascentes (1953): o alteamento vocálico pretônico representa um delimitador dialetal brasileiro.

Palavras-Chave: sociolinguística, crenças e atitudes; vogais médias pretônicas.

ABSTRACT

This research seeks to discover beliefs and linguistic attitudes of fortalezenses and non-fortalezenses, speakers representatives of diverse dialects, in relation to the use of the medial vogues /e/ > /i/ and /o/ > /u/, which coincide in the pretonic position. We verify that, despite scientific research in several Brazilian regions and from different orientations, there is an emphasis on the pretonic vowel square on production optics, there is no known existence of research with a sociolinguistic basis (third wave) that deals with the issue of Fortaleza's speech. It intends to fill this gap and contribute to the sociolinguistic characterization of Brazilian Portuguese, specifically not referring to the beliefs and attitudes of pretonic media in the city of Fortaleza. The work has theoretical-methodological bases on the principles of Sociolinguistics and studies on Beliefs e Attitudes (LABOV, 2008; WLH, 2006; CALVET, 2002; TARALLO, 1990; MOLLICA & BRAGA, 2020; BAGNO, 2007; ECKERT, 2012; LAMBERT E LAMBERT, 1966; FERNÁNDEZ, 1998), in the orientations of Fonetics and Phonology of Brazilian Portuguese (CALLOU & LEITE, 2009; CRISTÓFARO SILVA, 2003; CÂMARA JR. 2004) and of Dialectology (NASCENTES, 1953; CARDOSO, 2015; ALENCAR, 2007; AMARAL, 1920). The methodology consists of the application of two questionnaires (one closed and the other evaluative closed) to 24 students: 8 natives of Fortaleza, 8 from Pará and 8 from São Paulo, all residents of the city of Fortaleza for at least five years. The questionnaires were created on the Google Forms platform, a tool that we see being widely used in academic research during the pandemic period, in view of being considered a free tool for creating online forms, accessible to any user who has a Google account, besides being able to be accessed easily, including by cell phone; The application of two questions is given through the virtual networks Whatsapp, Instagram and also by e-mail, due to the pandemic scenario. We used, in both questionnaires, the technique of false pairs (matched-guises), very common in the study of beliefs and attitudes. The research presents innovative aspects that have been taken up by the study of pretonic media vogues not/doing fortalezense based on evaluative tests of the study of Crenças e Atitudes, whose results show that fortalezenses, regardless of age, sex and schooling, make a Positive self-assessment of its own dialect, not that it refers to the variants <e> and <o>. Among the people from Pará and São Paulo there is a less positive evaluation on the keywords: Sociolinguistics, Beliefs e Attitudes; Pretonic Middle Vogals fortaleza's speech; The pretonic vocalic alteration was presented as a phenomenon that is "above" the level of linguistic awareness of two people from

Pará and two from São Paulo and “below” the level of awareness of two residents of Fortaleza. Finally, it is possible to confirm, on the basis of beliefs and linguistic attitudes, the postulate of Nascentes (1953): the pretonic vocalic evaluation represents a Brazilian dialectal delimiter.

Keywords: sociolinguistics, beliefs and attitudes; pretonic middle vowels.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Sistematização das etapas do fenômeno de variação.....	24
Figura 2 - Sistema vocálico português brasileiro segundo Câmara Jr. (1974).....	30
Figura 3 - Divisão dos dialetos geográficos brasileiros conforme Antenor Nascentes (1953).	31
Gráfico 1 - Percepção geral de homens e mulheres (respostas da pergunta 01).....	54
Gráfico 2 - Percepção geral de homens e mulheres (respostas da pergunta 02).....	56

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Revisão da literatura nas pesquisas de Alçamento Vocálico Pretônico com base no Estudo de Crenças e Atitudes	20
Quadro 2 - Distribuição dos Informantes por gênero, faixa etária, escolaridade e localidade	49
Quadro 3 - Para você, os áudios 1 e 2, são iguais ou diferentes?	54
Quadro 4 - Respostas dos ouvintes fortalezenses e não-fortalezenses à pergunta 02	57
Quadro 5 - Respostas dos ouvintes fortalezenses e não-fortalezenses à pergunta 03	59
Quadro 6 - Respostas dos ouvintes fortalezenses e não-fortalezenses às perguntas 04 e 05....	60
Quadro 7 - Avaliação Geral dos homens e das mulheres às perguntas 04 e 05.....	62
Quadro 8 - Respostas dos ouvintes fortalezenses e não-fortalezenses à pergunta 06.....	63
Quadro 9 - Respostas dos fortalezenses e não-fortalezenses referente à pergunta 07.....	64
Quadro 10 - Respostas dos ouvintes fortalezenses e não-fortalezenses referente à pergunta 08	67
Quadro 11 - Respostas dos ouvintes fortalezenses e não-fortalezenses referente à pergunta 10.....	69
Quadro 12 - Respostas dos ouvintes fortalezenses e não-fortalezenses referente à pergunta 12	71
Quadro 13 - Respostas dos ouvintes fortalezenses e não-fortalezenses referente à pergunta 13	72
Quadro 14 - Respostas dos homens fortalezenses e não-fortalezenses à pergunta 14.....	73
Quadro 15 - Frases questionário fechado avaliativo	75
Quadro 16 - Características Estéticas de fortalezenses e não-fortalezenses (variável sexo)....	76
Quadro 17 - Características Dialetais de fortalezenses e não-fortalezenses (variável sexo)....	77
Quadro 18 - Características Estilísticas de fortalezenses e não-fortalezenses (variável sexo).	78
Quadro 19 - Características Socioculturais de fortalezenses e não-fortalezenses (variável sexo)	80
Quadro 20 - Características Estéticas dos fortalezenses e não fortalezenses (variável escolaridade).....	82
Quadro 21 - Características Dialetais dos fortalezenses e não-fortalezenses (variável escolaridade).....	83
Quadro 22 - Características Estilísticas dos fortalezenses e não-fortalezenses (variável escolaridade).....	84

Quadro 23 - Características Socioculturais dos fortalezenses e não-fortalezenses (variável escolaridade).....	85
Quadro 24 - Características Estéticas de fortalezenses e não-fortalezenses (variável faixa etária).....	87
Quadro 25 - Características Dialetais de fortalezenses e não-fortalezenses (variável faixa etária).....	88
Quadro 26 - Características Estilísticas de fortalezenses e não-fortalezenses (variável faixa etária).....	89
Quadro 27 - Características Socioculturais de fortalezenses e não-fortalezenses (variável faixa etária).....	90

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Átona casual
AP	Átona permanente
FEI	Primeira faixa etária
FEII	Faixa etária intermediária
FEIII	Terceira faixa etária
QFF	Questionário fonético-fonológico
RMF	Região metropolitana de Fortaleza
VMP	Vogal média pretônica
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu

LISTA DE SÍMBOLOS

[] Transcrição fonética

// Transcrição fonológica

[e] vogal, média-alta, anterior, não arredondada, fechada

[ɛ] vogal, média-alta, anterior, não arredondada, aberta

[o] vogal, média-alta, posterior, arredondada, fechada

[ɔ] vogal, média-alta, posterior, arredondada, aberta

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	22
2.1	SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: PRESSUPOSTOS BÁSICOS.....	22
2.1.1	<i>Três Ondas da Variação Linguística: O Significado Social no Estudo Sociolinguístico</i>	27
3	PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL: VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS	30
4	PERSPECTIVA DIALETOLÓGICA NOS ESTUDOS DAS CRENÇAS E ATITUDES	335
5	CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: REFLEXOS NA AVALIAÇÃO SUBJETIVA	38
5.1	CAMINHOS PARA UMA AVALIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA	40
5.2	REFLEXOS DA CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA: RESPEITO LINGUÍSTICO.....	43
6	METODOLOGIA.....	45
6.1	A AMOSTRA E OS INFORMANTES	45
6.2	PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	50
7	CRENÇAS E ATITUDES: ANÁLISE DOS DADOS	51
7.1	ÁUDIOS APLICADOS NO TESTE DE PERCEPÇÃO DAS VOGAIS ANTERIORES E POSTERIORES	52
7.2	ANÁLISE DE CRENÇAS E ATITUDES: QUESTIONÁRIO FECHADO.....	53
7.2.1	<i>Análise de Crenças e Atitudes: Questionário Fechado Avaliativo</i>	73
7.2.2	<i>Atitudes linguísticas: Variável “sexo”</i>	75
7.2.3	<i>Atitudes linguísticas: Variável “Grau de escolaridade”</i>	81
7.2.4	<i>Atitudes linguísticas: Variável “Faixa Etária”</i>	86
8	CONCLUSÃO.....	92
	ANEXOS	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

1 INTRODUÇÃO

O Português Brasileiro, doravante PB, comumente avaliado como heterogêneo, representa a soma de sua formação histórica, dos falares social e geograficamente divergentes. Considerado objeto de estudo pautado sob diversas vertentes teóricas da Linguística, dentre elas, a Sociolinguística, ciência responsável por investigar as possíveis causas da variação e mudança da língua internas ao sistema.

No Brasil os estudos em sociolinguística têm concentrado suas pesquisas nos planos fonético-fonológico e morfossintático, sobretudo, na produção dos fenômenos linguísticos. O que vem se tornando crescente nos estudos de ordem sociolinguística são as crenças e atitudes linguísticas, apesar de serem ainda pouco examinadas.

As crenças e as atitudes de um indivíduo, de modo geral, remetem aos aspectos culturais da sociedade e de todo o arcabouço imagético construído nesse contexto. Construído esse pautado, muitas vezes pela diversidade; nesse sentido não pode ser realizado um estudo de fala, embasado numa perspectiva sociolinguística, que não leve em consideração as características socioculturais, constituintes fundamentais da face identitária dos falantes.

O estudo das crenças e atitudes vem assumindo protagonismo no campo da Sociolinguística Variacionista, contribuindo para o esclarecimento de fenômenos não explicáveis pelo âmbito linguístico e social. Dentro desse cenário, outro fator é fundamental para a análise de fatos voltados para a linguagem: as atitudes valorativas que cada falante assume frente à sua fala, bem como a sua avaliação social.

Dentre os fenômenos fonético-fonológicos explorados nas pesquisas sociolinguísticas, trazemos à presente discussão em nosso trabalho o alteamento vocálico pretônico. Estudos que trazem como objeto de estudo as vogais médias geralmente se debruçam na investigação de como estas se comportam e de que modo se dá sua produção.

Investigações sobre esse objeto desenvolvem-se sob a orientação da Sociolinguística, da Dialectologia, da Fonética e da Fonologia, dentre outros. Para Aragão (1994), as pretônicas são consideradas uma das marcas mais importantes para a divisão dialetal do Brasil; tal é a relevância do assunto, que Nascentes utilizou como critério para a divisão entre os falares do norte e sul do Brasil. Por essa justificativa, a princípio, reconhecemos a relevância de analisar o alteamento vocálico no falar fortalezense sob a perspectiva das crenças e atitudes linguísticas.

Nosso objetivo geral é avaliar as crenças e atitudes linguísticas de indivíduos com as específicas naturalidades: fortalezenses, paulistas e paraenses, todos residentes na cidade de Fortaleza, com relação ao alteamento das vogais médias /e/ > /i/ e /o/ > /u/, que concorrem em posição pré-acentuada.

Esse objetivo geral aponta para os seguintes objetivos específicos:

- a) Qual a valoração social do fenômeno do alçamento vocálico no falar fortalezense?
- b) Os usuários da língua percebem a elevação das vogais médias realizada por outros falantes?
- c) No âmbito das Crenças e Atitudes, as vogais médias pretônicas constituem um delimitador dialetal?

Com base na cadência e abertura das vogais médias pretônicas em posição pretônica, e na divisão proposta por Nascentes (1953) de que no Brasil há dois tipos de falares – os do Norte e os do Sul - escolhemos investigar as crenças e atitudes dos três grupos supracitados, entendendo-se que os fortalezenses e paraenses representam o grupo dos falares do norte e paulistas representam o grupo dos falares do sul.

O interesse em investigar as crenças e atitudes desses três grupos na comunidade de fala fortalezense se dá pelos seguintes motivos: Fortaleza está classificada como uma das três maiores metrópoles do nordeste, ao lado de Recife e Salvador, e, dentre estas, é considerada a mais polarizada, ou seja, é por onde passam quase todos os migrantes que chegam e partem para outros estados do Brasil (vale a pena ressaltar que estamos falando de migração interestadual).

Além disso, conforme Queiroz e Ojima (2019) com relação ao saldo migratório entre os anos de 1995-2000, somente a Região Metropolitana de Fortaleza, doravante RMF, figura como a mais atrativa. Não se constata uma relação direta entre rendimento e atração migratória, já que a RMF apresenta os melhores indicadores de renda e também as maiores perdas imigratórias, dentre as capitais metropolitanas da região nordeste supracitadas. O que se constata para essa maior polarização da RMF são os fatores qualidade de vida e acesso aos meios de transporte público e particular.

Apresentamos, a seguir, nossas hipóteses:

- a) socialmente faz-se uma avaliação negativa do falante que realiza o alteamento das vogais médias;

- b) o fenômeno em análise está abaixo do nível de consciência do falante;
- c) não é possível comprovar que as vogais médias pretônicas são marcadores dialetais, sob a ótica das crenças e atitudes linguísticas.

Sobre o estudo e a sistematização da variação do quadro vocálico pretônico no Brasil, destacamos os estudos pioneiros de Amaral(1920), Marroquim (2008) e Nascentes(1953), que evidenciaram a importância de identificar e registrar os diferentes falares do português brasileiro. Com este estudo, evidenciam que as regiões se diferenciam conforme os aspectos linguísticos que lhe são inerentes, refletindo nesse contexto, a variação diatópica.

Na sociolinguística, haja vista já mencionamos no início desta introdução, ainda se considera prematuro o interesse pelos estudos nas crenças e atitudes linguísticas, embora essa perspectiva tenha recebido uma maior relevância no estudo realizado por Labov (2008), através do qual foi feito um levantamento sobre a motivação social da mudança sonora na ilha de Martha's Vineyard, no estado americano de Massachussetts. Pesquisas ancoradas nessa teoria reportam a importância desses estudos arraigados a diversos contextos, como por exemplo, o ensino de línguas e planejamento linguístico.

Sobre a importância do estudo de crenças e atitudes no âmbito da sociolinguística, Fernández (1998) sinaliza que as atitudes influenciam decisivamente nos processos de variação e mudança linguísticos produzidos nas comunidades de fala.

Para Morales (2004), os estudos de crenças e atitudes podem afetar variedades diatópicas ou diastráticas de alguns fenômenos específicos, a língua em sua totalidade e as línguas em contato. Ressalta também que, dentre as diversas consequências impostas nesse contexto, a mais preocupante é o estímulo à descriminalização linguística.

No âmbito da fonética e da fonologia, os estudos de crenças e atitudes linguísticas ainda são muito escassos no Brasil. Conforme aponta Nascentes (1953), por apresentarem alternâncias diferenciadas no território brasileiro, a investigação acerca do comportamento das vogais médias pretônicas serve de base teórica para o estabelecimento das variedades dialetais no Brasil.

Do ponto de vista fonético-fonológico, as vogais médias pretônicas são marcadores dialetais, no entanto, na perspectiva do estudo de Crenças e Atitudes, é possível manter essa percepção? Acreditamos que a presente pesquisa almeja contribuir para a edificação desses estudos, ainda recentes, inseridos na chamada “terceira onda Socio variacionista” da língua. É

importante frisar que a partir da descrição da língua é possível visualizar uma costura do PB, tendo em vista que são as variações no âmbito fonético que mais claramente expressam as divergências socioculturais.

Acreditamos que, com esta pesquisa, podemos contribuir para reflexão acerca não apenas do preconceito linguístico, mas principalmente, do respeito linguístico.

Salientamos que até a realização deste trabalho, não identificamos pesquisas acadêmicas abordando o estudo de crenças e atitudes quanto à elevação das vogais médias pretônicas no falar fortalezense.

Nesse sentido, temos na cidade de Fortaleza/CE, dois importantes estudos sobre a realização do alteamento vocálico, cuja abordagem Sociolinguística assume o protagonismo investigativo. Ambos os estudos se debruçam acerca da produtividade desse fenômeno fonético-fonológico. A saber:

O estudo pioneiro do alteamento vocálico na capital cearense foi a tese de Araújo (2007) sobre “As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista”. Foram coletados dados de 72 informantes e considerou-se, para fins de análise, os fatores linguísticos Vogal Tônica, Vogal Átona Seguinte, Distância em Relação à Tônica, Tipos de Atonicidade, Nasalidade, Contexto Fonológico Precedente e Seguinte, Tipo de Sílabas e Estrutura Morfológica; e os fatores extralinguísticos Sexo, Faixa Etária e Escolaridade. Como *corpus* foram utilizados dados do NORPOFOR (Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza). Por fim, concluiu-se que as vogais médias pretônicas têm um comportamento condicionado por fatores estruturais.

Destacamos também a dissertação de Almeida (2017), sobre “As pretônicas médias no falar culto de Fortaleza: sob abordagem variacionista”, cujo objetivo foi observar se as vogais pretônicas estão em variação estável ou mudança em progresso. Foram analisados dados de 36 informantes, coletados do banco de dados PORCUFORT (Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza), e para fins de análise consideraram-se os fatores linguísticos Contexto Fonológico Precedente, Contexto Fonológico Seguinte, Atonicidade, Tipo de Vogal Tônica, Tipo de Vogal Átona Seguinte, Estrutura da Sílabas, Distância da Vogal Tônica e Classe do Vocábulo; e fatores extralinguísticos: o sexo, a faixa etária e monitoramento estilístico. Concluiu-se que o alteamento é um fenômeno estritamente influenciado por fatores linguísticos e seu estado de variação é considerado estável.

Dito isso, pretendemos ampliar o estudo das vogais médias pretônicas no falar fortalezense, à luz das crenças e atitudes linguística se desse modo, contribuir para a caracterização sociolinguística do PB.

A escolha por um aspecto fônico sob o olhar das crenças e atitudes linguísticas, como matéria de estudo, justifica-se, em primeiro lugar, conforme Molina (1998) permitir ao pesquisador uma aproximação mais efetiva do conhecimento das reações subjetivas diante da língua ou línguas usadas pelos falantes, influenciando na aquisição de segundas línguas. E, em segundo, pelo intento em buscar explicações de influências que alguns elementos desempenham na variação e mudança linguísticas de um país extenso territorial, cultural e socialmente, como o Brasil.

Em nossa revisão literária sobre trabalhos que tratam do alteamento pretônico com bases no estudo de crenças e atitudes linguísticas, notamos que esta ainda é uma temática pouco abordada. Para Avelheda (2019), essa escassez talvez possa ser justificada pelo fato deste, tradicionalmente, não ser considerado um fenômeno estigmatizado. E acrescenta:

[...] a avaliação subjetiva não se aplica somente a fenômenos socialmente estigmatizados, tendo em vista que a noção de que variável e variante são formas diferentes de se dizer “a mesma coisa”, já há muito não se aplica, porque sempre há nuances de significado nocional ou social que estão envolvidos na opção por uma variante em detrimento da outra e porque a referência pode ser modificada de acordo com a variante utilizada: a opção pela vogal média ou pela vogal alta, por exemplo, embora sejam relacionadas pelas diferentes formas de se dizer “a mesma coisa”, contextualmente acarreta em diferentes significados sociais (um fogão é um “fogaréu”, mas um “fugão” é o aparelho utilizado para preparar comida[...]) (AVELHEDA, 2019, p. 32-33).

Em outras palavras, pode-se compreender que as diferenças notadamente percebidas nas pronúncias demarcam que, no contexto social, essas divergências podem atingir um nível maior de significação social, refletindo nos comportamentos do falante.

No Brasil, até o momento dessa investigação, foram catalogados apenas dois trabalhos acerca do fenômeno em estudo sob o viés das crenças e atitudes linguísticas, que são da autoria de Souza (2017), Dissertação, e Avelheda (2019), Tese. Organizamos um quadro a seguir com os resumos dos dois trabalhos:

Quadro 1 - Revisão da literatura nas pesquisas de Alçamento Vocálico Pretônico com base no Estudo de Crenças e Atitudes

<u>Estudo:</u>	
Alçamento das vogais médias pretônicas no município do Rio de Janeiro: décadas de 70, 90 e 2010/ Estudo de Crenças e Atitudes. Silvia Carolina Gomes de Souza, 2017. (Dissertação).	
<u>Objetivos:</u>	<u>Resultado(s)</u>
Observar a variação nas vogais pretônicas em um estudo de tempo real de curta duração.	<p>*No transcorrer de 40 anos o alçamento apresentou comportamentos diferentes: a depender do contexto silábico, o fenômeno encontra-se em propagação; em outros em variação estável ou recuo;</p> <p>**Homens e mulheres apresentaram avaliações negativas acerca do falante usuário da variante alta, principalmente em relação à sua competência linguística e seu perfil socioeconômico.</p>
<u>Estudo:</u>	
Alçamento pretônico no município do Rio de Janeiro: Avaliação Subjetiva e Fatores Condicionantes. Anna Carolina da Costa Avelheda Bandeira, 2019. (Tese).	
<u>Objetivos:</u>	<u>Resultado(s)</u>
Suprir a lacuna existente na consideração do problema da avaliação subjetiva do alçamento pretônico e para somar informações aos trabalhos previamente desenvolvidos, o presente estudo procura coadunar à análise dos fatores condicionantes, que levará em conta fatores linguísticos e extralinguísticos que podem motivar o fenômeno, a análise de crenças e atitudes.	<p>*Indicam que o fenômeno está em vias de regressão, é mais frequente entre as vogais anteriores que se encontram em sílaba travada por consoante nasal ou por consoante sibilante.</p> <p>**Quanto à avaliação subjetiva, observa-se que o alçamento é atribuído a um menor grau de escolarização, a uma idade mais avançada e a profissões que não exijam curso superior, além de ser atribuído a menor grau de formalidade.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Esta dissertação contempla além da introdução, quatro seções, sendo elas: Fundamentação Teórica, iniciando com a *Sociolinguística Variacionista: pressupostos básicos*, em que revisamos as concepções básicas inerentes ao estudo da variação e mudança linguística; *Três Ondas da Variação Linguística: O Significado Social no Estudo Sociolinguístico*, ressaltando os estudos das três ondas da Sociolinguística, contextualizando e enfatizando a terceira onda, perspectiva essa em que nossa pesquisa está ancorada; *Português Falado no Brasil: Vogais Médias Pretônicas*, espaço de discussão em que apresentamos os principais estudos realizados acerca do vocalismo, destacando a realização do alçamento vocálico;

Crenças e atitudes linguísticas: reflexos na avaliação subjetiva, em que contemplamos a interdisciplinaridade do respectivo estudo com áreas da Sociolinguística e da Psicologia Social, bem como sua contribuição nas duas áreas de estudo e na distinção entre identidade social e linguística; *Caminhos Para Uma Avaliação Sociolinguística*, espaço dedicado à apresentação dos componentes essenciais das atitudes, de como eles exercem influência na construção das avaliações subjetivas, dos seus reflexos da consciência linguística do falante e da construção social do Respeito Linguístico.

Na seção da *Metodologia*, descrevemos o *corpus* selecionado, perfil dos informantes, amostra e os procedimentos para a coleta dos dados utilizados; na seção da *Análise de dados*, apresentamos e discutimos os resultados obtidos; e concluímos nosso trabalho com base no que observamos nas respostas dadas pelos ouvintes nos questionários quantitativo e qualitativo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nessa seção explanamos sobre as bases teórico-metodológicas consideradas por nós, o tripé desse trabalho; delineamos como elas se entrecruzam e como contribuem para a pesquisa em Linguística do Português Brasileiro.

Além disso, também fazemos ajustes quanto a inclusão dessas bases na presente pesquisa, já que pautados nos estudos de Crenças e Atitudes, se faz necessária essa organização. Para isso, elencamos os pontos que são discutidos nessa seção:

- Origem nos estudos de Labov (1972);
- Discussão-expositiva sobre as três ondas da variação linguística, enfatizando os estudos da terceira onda, cujo pilar se dá no significado social do estudo sociolinguístico.
- Apresentação de contribuições sobre o português falado no Brasil, destacando a realização das Vogais Médias Pretônicas;
- Exposição das contribuições da perspectiva Dialetológica em nossa investigação;
- Abordagem reflexiva acerca das Crenças e atitudes linguísticas e do seu papel na avaliação subjetiva;
- Reflexão dos Caminhos para uma Avaliação Sociolinguística.

2.1 Sociolinguística Variacionista: pressupostos básicos

A trajetória da Sociolinguística inicia antes dos postulados labovianos, entretanto, foi através dos estudos de William Labov que essa área de estudo ficou reconhecida no campo da Linguística. Esse modelo de análise formulado por Labov posiciona-se contra a exclusão do componente social no modelo gerativo.

Labov propõe a sistematização da variação existente e inerente à língua falada, tal modelo também ficou conhecido como Sociolinguística Quantitativa, pois também lida com operacionalização de números e tratamento estatístico dos dados coletados.

A Sociolinguística surgiu em um congresso realizado na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, (UCLA), nos Estados Unidos de 11 a 13 de maio de 1963, por William Bright. O estudioso propunha que a Sociolinguística apresentaria os estudos das variações das línguas analisadas a partir de um conjunto de fatores socialmente definidos, a saber: Identidade social do emissor/falante, Identidade social do receptor/ouvinte, Contexto

social e o Julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico e dos outros. Tendo, portanto, como objeto de estudo a diversidade linguística.

Conforme Bentes e Mussalim (2012) o objeto de estudo da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, ou seja, em situações reais de uso. Podemos compreender que língua falada, segundo Tarallo (1990) é o vernáculo: é a enunciação e expressão de fatos, proposições, ideias, sem a preocupação de enunciá-los. É considerado, pois, o momento da enunciação em que se tem o mínimo de monitoramento, por exemplo, é a língua usada em momentos de interação com a família, com os amigos e nas demais situações presentes no dia a dia.

O “start” desse modelo de estudo se dá na comunidade linguística (ou comunidade de fala), isto é, de acordo com Alkmim (2001) trata-se de um grupo de indivíduos que se relacionam por meio de redes comunicativas diversas e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras. Podemos selecioná-las ou descrevê-las como uma cidade grande – Rio de Janeiro - ou um estado - Ceará, o povo Ianomâmi, comunidade de pescadores de determinada localidade, estudantes de um curso específico, grupo de rappers, dentre outros. Sobre esses diversos modos de falar a sociolinguística denomina de variedades linguísticas, e esse conjunto de variedades linguísticas utilizado por uma comunidade linguística é chamado de repertório verbal.

Isso quer dizer que as pessoas tendem a falar sob influências de diversos fatores, tais como: sua origem de nascimento, sua classe social, faixa etária, grau de escolaridade e situação comunicativa em que estão inseridas (esses fatores são entendidos como extralinguísticos). Podemos usar como exemplo do falar fortalezense, pelo caráter peculiar e engraçado que temos em nosso falar, expressões como: s[**u**]frer, ad[**u**]ecer, b[**u**]rocochô, d[**i**]rruba, d[**i**]sduer, f[**i**]rida, al[**i**]gria.

Na Dialetoлогия temos o estudo dos diversos dialetos da língua através dos espaços geográficos e na Sociolinguística temos o estudo dos sistemas linguísticos em seu contexto social. De acordo com Alencar (2007) Dialetoлогия e Sociolinguística ficaram, assim, tão próximas que até se torna difícil distinguir uma da outra, outrossim a separação entre elas se dá mais na proposta de objetivos do que na abordagem metodológica.

Ao considerar a língua como um sistema heterogêneo, automaticamente depreende-se que a variação é inerente às línguas. Assertiva confirmada por Labov (2008) ao considerar a variação inerente às línguas naturais. Para Tarallo (1990) a variação consiste numa espécie de “caos” organizado.

Em outras palavras, Mussalim e Bentes (2012 *apud* ALKMIM 2001) afirma que nenhum usuário de uma língua é falante de único e mesmo registro, e essas variações existentes na expressão verbal são correlacionadas a diferenças de ordem linguística e social, que são domínios entendidos como estruturados e regulares. A título de exemplificação temos em língua portuguesa a utilização do verbo “levaram” ora como “levaru”, ora “levarum” demonstra que não é resultado de um uso arbitrário e inconsequente, mas reflete o uso sistemático e natural de uma possibilidade inerente aos sistemas linguísticos, entendida como heterogeneidade constitutiva da linguagem.

Considerando a diversidade característica peculiar a todas as línguas, sabemos que a variação ocorre em diferentes níveis, a saber: fonológico, morfológico, sintático, semântico e discursivo, os quais explicitaremos mais adiante. E segundo Tarallo (1990) pode ser sistematizado da seguinte maneira:

Figura 1 - Sistematização das etapas do fenômeno de variação



Fonte: Adaptado de Tarallo (1990, p. 10-11).

No que concerne ao estudo da variação é pertinente ressaltar que dois tipos de fatores são condicionantes ao processo da variação: linguísticos e extralinguísticos. Os fatores linguísticos constituem-se de duas acepções distintas, a saber: *variável* e *variante*. Conforme Coelho (2010), *variável* corresponde a um aspecto ou categoria da língua que se encontra em variação, e *variantes* são as formas individuais que “concorrem” em uma variável. Pode-se dar como exemplo no português brasileiro o sistema pronominal, nos casos de alternância do uso entre tu e você, ou ainda a expressão da primeira pessoa do plural (*variável*) e das respectivas formas utilizadas pelos falantes – nós e a gente (*variantes*).

Dessa forma, segundo os estudos de Coelho (2010), é importante salientar a subdivisão entre as *variantes*: *variantes padrão* e *variantes não-padrão*. De um modo geral, pode-se dizer que as *variantes padrão* concordam com as prescrições normativas da língua padrão, geralmente denominada variante de **prestígio** e tendem a ser consideradas como **conservadora**, ou seja, estando presente no repertório linguístico da

comunidade há mais tempo. Ao passo que as *variantes não-padrão* se opõem a esse formato. Tradicionalmente é classificada como variante **estigmatizada** pela comunidade de fala e, portanto, inovadora na comunidade.

Os fatores extralinguísticos, conforme Tarallo (1990) referem-se tudo aquilo que não for estritamente linguístico, por exemplo, formalidade x informalidade do discurso, nível socioeconômico do falante, faixa etária, grau de escolaridade e sexo, são fatores que podem ser considerados possíveis grupos de fatores condicionantes. Desse modo, Labov (2008) confirma que a variação não é caótica ou desordenada, pelo contrário, é condicionada por fatores linguísticos e sociais. A esse respeito, as variantes sociais – extralinguísticas – são classificadas da seguinte maneira:

- a) **Varição geográfica (ou diatópica):** Reflete socialmente as características regionais da fala, identificando o falante com uma determinada localidade, e consequentemente as distinções entre o rural e o urbano;
- b) **Varição sociocultural (ou diastrática):** Compreende as diferenças linguísticas correlacionadas ao lugar ocupado pelo falante nas estruturas sociais – grau de escolaridade, classe social, gênero etc.;
- c) **Varição estilística (ou diafásica):** Reflete as diversidades linguísticas interligadas às estâncias comunicacionais, a saber: tipo textual, local da interação, assunto da mensagem, grau de formalidade etc.

Em suma, exporemos a sistematização da organização dos fatores extralinguísticos proposta por Camacho (2012), ao afirmar que toda língua comporta variantes em função:

- a) da identidade social do emissor;
- b) da identidade social do receptor;
- c) das condições sociais de produção discursiva.

Em função do primeiro fator, pertencem as variantes geográficas e socioculturais. Já em função do segundo e terceiro fatores, pertencem as variantes estilísticas.

Weinreich, Labov e Herzog (2006), doravante WLZ, propuseram cinco problemas e princípios empíricos para a teoria e mudança linguística, são eles: fatores condicionantes, a transição, o encaixamento, a avaliação e a implementação. Vale ressaltar que estão interligadas e dispõem uma visão mais ajustada da mudança.

O primeiro questionamento se refere aos *fatores condicionantes*, e como já foi exposto em nosso trabalho, a Teoria da variação e mudança linguística considera que a língua sofre variações e mudanças, que por sua vez são condicionadas por fatores linguísticos e extralinguísticos. Sendo assim, os fatores condicionantes cumprem o objetivo de observar quais são os fatores condicionantes no processo de variação e mudança linguística.

A segunda questão colocada é sobre a *transição*, nesse caso os autores evidenciam que uma mudança não ocorre de forma abrupta, ou seja, a instalação de uma nova variante é progressiva e que é através do sistema transicional que são suscitadas questões sobre a forma como uma variante passa de um indivíduo para o outro e de um contexto estrutural a outro. Em outras palavras, pode-se dizer que a língua passa por processos de variações até chegar no estágio final que é a mudança. E que esse processo oferece mais pressupostos para a compreensão da teoria da variação e mudança do que o estudo de casos isolados (tais como o ponto inicial e final, somente).

A terceira questão trata do *encaixamento* como uma tarefa a ser cumprida pela Sociolinguística no intuito de perceber como estão encaixados os fatores linguísticos e extralinguísticos no processo de variação e mudança da língua, de um modo geral, visa observar qual é a interrelação entre o social (idade, gênero, região geográfica, grau de escolaridade etc.) e o linguístico, e de que maneira uma mudança na língua pode gerar outra mudança linguística.

O quarto questionamento colocado foi a avaliação, que compreende necessariamente a saliência da variação para a comunidade de fala. Ou em outras palavras, podemos compreender que é o julgamento feito por parte do falante, isto é, mostrar a valoração ou discriminação da variante inovadora. É possível nesse momento avaliativo observar se um fenômeno da língua é prestigiado ou estigmatizado pela comunidade de fala.

No que concerne ao último questionamento referente à implementação que, segundo WLH (2006), constitui o verdadeiro cerne da teoria, pois investiga os fatores condicionantes para implementação da mudança na língua.

WLH (2006) afirmam que o grau de avaliação das variações e mudanças da língua pode ser inferido mais convincentemente nas reações e atitudes dos falantes em relação às variantes do que na sua produção. Dessarte, ela também demonstra que uma variante pode se alterar ao longo do tempo para a compreensão das motivações extralinguísticas das mudanças. Os autores afirmam ainda que elas podem se alterar ao longo do tempo, se “descaracterizar” de sua “carga negativa” e ganhar espaço no processo de mudança. É através desse aspecto que

podemos observar nas análises dos informantes qual a valoração social que o informante atribui ao fenômeno linguístico em análise.

2.1.1 Três Ondas da Variação Linguística: O Significado Social no Estudo Sociolinguístico

Nesta seção, apresentamos as três ondas de variação nos estudos sociolinguísticos, detendo-nos na terceira onda, que prioriza o tratamento do significado social nos estudos da variação linguística, etapa a qual nossa pesquisa encontra as bases epistemológicas de maior suporte na construção deste trabalho.

Sobre o rol das três ondas, enfatizamos a proposta dada por Eckert (2012) ao destacar que elas não são substitutivas, nem sucessivas, mas que se apresentam como modos diferentes de pensar a variação, com práticas analíticas e metodologia peculiares.

A primeira onda de estudos de variação foi inaugurada com o estudo de Labov (1966) intitulado *Social Stratification of English in New York City*, e os principais resultados deste estudo foram replicados em outros estudos urbanos no final das décadas de 1960 e 1970.

Essas pesquisas determinaram um modelo regular de estratificação socioeconômica da forma linguística, e utilizam como procedimento metodológico entrevistas gravadas, além de correlacionar ferramentas de produção de fala aos falantes. É um trabalho que instituiu um novo experimento quantitativo na linguística, com pressupostos teóricos de base.

É importante salientar que essa primeira onda definiu uma base sólida para o estudo da variação, comprovando a correlação entre as variáveis linguísticas e categorias sociais elementares (classe econômica, idade, sexo, escolaridade), reforçando assim o que prescreveu Eckert (2012): nesse primeiro momento as variedades linguísticas carregam o status social de seus falantes.

Na segunda onda dos estudos de variação, as pesquisas continuam de ordem quantitativa, porém a abordagem é etnográfica, visando analisar como o vernáculo assume identidade local ou de classe. O objetivo neste segundo momento, é descobrir categorias sociais e o lugar delas na prática social local. Sendo assim, o foco recai sobre os conceitos de comunidades de fala e identidade de grupo, segundo Eckert (2012, p.87) “visavam explorar as categorias e configurações locais que habitam, ou constitui, essas categorias mais amplas”.

O trabalho inaugural desse momento, foi de Milroy (1980), com uma análise das variações fonológicas nas redes sociais em Belfast. Opondo-se ao que foi colocado pelos

estudos enviesados na primeira onda, Milroy buscou as forças positivas na utilização do vernáculo da classe trabalhadora de Belfast. Ela defendeu a tese de que redes típicas da classe trabalhadora, apresentavam relevante poder de imposição das normas locais, a partir disso, ela procurou correlacionar os tipos de rede dos indivíduos quanto ao seu uso de variáveis vernáculas.

Dito isso, os estudos de primeira e segunda onda, conforme Eckert (2012) têm como descrição a estrutura, uma espécie de “retrato estático”, isto é, foram estudos que se concentraram em categorias, à primeira vista, estáticas de falantes e compararam a identidade com a afiliação e com a categoria.

A terceira onda, na qual está ancorada nossa pesquisa, de acordo com Eckert (2012, p.87) “a variação constitui um sistema semiótico social robusto, potencialmente expressando toda a gama de preocupações sociais em uma determinada comunidade”, em outras palavras, nesse momento de estudos, a variação constrói um significado social, além disso, é entendida como uma força na mudança.

Na terceira onda os falantes são vistos como agentes estilísticos, sendo o estilo constituinte do fundamento ideológico do indivíduo e a forma estilística componente importante no construto de seu significado. Ampliando um pouco mais esse pensamento, os estudos de terceira onda agregam a dinamicidade da estrutura, ou seja, investigam de que modo a estrutura se acomoda no cotidiano, mediante os condicionamentos sociais impostos e como as relações de poder estabelecidas atuam sobre ela. É importante salientar que, nessa fase, ganham ênfase as investigações acerca do valor social das variáveis.

Conforme proposto nos estudos de Eckert (2012), o foco do estudo que até então era na comunidade de fala, na terceira onda passa a ser a comunidade de prática. E nesse contexto ela ressalta que, de acordo com a acepção laboviana, comunidades de fala são agrupamentos de indivíduos que compartilham não necessariamente dos mesmos traços linguísticos, mas sim do mesmo juízo de valor acerca desses traços, e os reconhecem como legítimos para a identificação do grupo.

Já a comunidade de prática, (WENGER, 1998; ECKERT; MCCONNEL –GINET, 2013) é um agrupamento de indivíduos, que partilham perspectivas em comum, valores e crenças, e que interagem entre si para se desenvolverem e reproduzirem esses valores e conhecimentos, isto é, a prática. Ao empreender a concretização dessa proposta que se realiza no cenário de uma construção social, estão disponíveis as práticas diárias dos indivíduos, que dialogam entre si e com outras comunidades de prática.

A terceira onda dos estudos de variação, que se desenvolveu recentemente, e segundo Eckert (2012) está ainda na infância, centraliza o foco na variação como uma ferramenta para a constituição do significado social. Quanto às questões metodológicas, a perspectiva da terceira onda combina os seguintes elementos: metodologia quantitativa, também presente nas ondas anteriores, o *corpus constituído* de modo a contemplar o espaço mais cotidiano e que não é necessariamente alcançado pela entrevista sociolinguística, com ações de participantes, por exemplo.

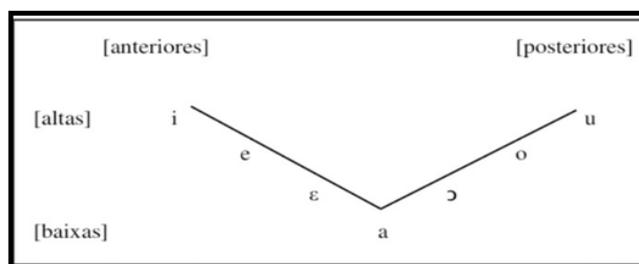
Nesse terceiro momento, o conceito-chave para o processo em construção é o de prática estilística. Ancorados nesta prática, os estudos de terceira onda (FREITAG; MARTINS E TAVARES, 2012) têm a variação como um espelho de identidades, ou seja, oriundas nas experiências dos falantes e compartilhadas em relação ao mundo em volta. E salientam que os estudos de primeira onda são particularmente cruciais para assegurar os estudos de terceira onda.

Citamos como exemplo dessa linhagem estilística, uma das respostas que analisamos em nossa dissertação, o falar fortalezense ser considerado “expressivo”, *a priori*, apontado como uma característica estilística. Conforme Veloso (2014), estilo é visto como uma prática, um ato de linguagem representativo do que somos e do que almejamos ser, por isso, os falantes são considerados os tecelões nessa rede de estilos linguísticos, constituintes identitários.

O realce na prática estilística na terceira onda apresenta os falantes como indivíduos agentes, atuantes em um processo de autoconstrução, localizando a ideologia inerente à linguagem na construção do significado social.

3 PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL: VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS

Figura 2 - Sistema vocálico do português brasileiro segundo Câmara Jr. (1974)



Fonte: Elaborado por Barros (2014).

Temos na descrição do quadro acima a organização e classificação do sistema vocálico do português brasileiro atual em vogais altas /i/ e /u/, médias abertas /é/ e /ó/, médias fechadas /ê/ e /ô/ e baixas /a/. Em outras palavras acredita-se que a realidade da língua oral é muito mais complexa do que dá a entender o uso aparentemente simples e regular das cinco letras latinas vogais na escrita, havendo, portanto, sete fonemas vocálicos multiplicados em muitos alofones:

Os falantes de língua espanhola têm, em regra, dificuldade de entender o português falado, apesar da grande semelhança entre as duas línguas, por causa dessa complexidade em contraste com a relativa simplicidade e consistência do sistema vocálico espanhol. Portugueses e brasileiros, ao contrário, acompanham razoavelmente bem o espanhol falado, porque se defrontam com um jogo de timbres vocálicos menor e menos variável que o seu próprio (CÂMARA JR., p. 20, 2004).

Callou e Leite (2009) consideram a análise realizada por Mattoso Câmara Jr. como a mais abrangente (estrutural) que possuímos das vogais portuguesas; nela o sistema vocálico é sistematizado na forma triangular considerando que a vogal *a*, bem como as vogais médias em sílaba pretônica não concebem uma dualidade opositiva, e nesse contexto a vogal *a* ocupa o vértice mais baixo de um triângulo de base para cima. Mattoso Câmara Jr. propôs a classificação do quadro anteriormente apresentado, considerando fatores como posição articulatória, a elevação gradual da língua e o arredondamento dos lábios.

Para Felice (2012) é nesta posição estruturada por Mattoso Câmara Jr. que identificamos todos os fonemas vocálicos do Português Brasileiro, já que encontramos diferença de significado com a troca de segmentos, como em s[o]co e s[ɔ]co, colh[e]r (verbo) e colh[ɛ]r (substantivo).

Quanto ao timbre e predisposição à “perda”, conforme Hricsina (2013) dependendo da localização da vogal pode haver uma queda. Além disso nota-se a presença de uma

ordenação fonológica e nesse enquadramento as vogais pretônicas são consideradas pouco regulares, leia-se também: mais instáveis.

O vocalismo constitui não somente um “divisor de águas” entre os subfalares brasileiros, mas também entre o PB e o Português Europeu (PE). No que condiz ao falar brasileiro as delimitações dialetais têm suas bases construídas sob a realização fonética das vogais, ausentando-se de diferenças o plano fonológico da fala.

No Brasil a referência pioneira no estudo da realização do alteamento vocálico é de Nascentes (1953) que o avalia como essencial na compreensão da organização de dialetos geográficos brasileiros. Conforme sua tradicional classificação, em posição pretônica temos cinco vogais que se alternam quanto ao timbre entre abertas e fechadas; desse modo, temos na produção dos arquifonemas /E/ - /O/, a instituição do traço que marca a cisão entre os subfalares do Norte, que realizam a pronúncia aberta e os do Sul que apresentam uma pronúncia fechada. Constata-se, no nível fonético, a reformulação de sete vogais no plano fonológico tônico.

Figura 3 -Divisão dos dialetos geográficos brasileiros conforme Antenor Nascentes (1953, p.19)



Fonte: Elaborado por Antenor Nascentes (1953, p.19).

De acordo com o mapa acima, formulado por Nascentes (1953) e estruturado em Araújo (2007), percebemos que o grupo do Norte é constituído por dois subfalares, a saber: pelo *subfalares amazônico*, que engloba os falares do Acre, Amazonas, Pará e parte de Goiás e pelo *subfalar nordestino* que abarca os falares do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas.

No que concerne ao grupo do Sul, é composto por quatro dos subfalares, a saber: o *baiano*, apresenta-se na posição “intermediária entre os dois grupos”, abrangendo os falares

de Sergipe, Bahia, parte de Minas Gerais (regiões Norte, Nordeste e Noroeste) e uma parte dos falares de Goiás. O *fluminense*, composto por falares do Rio de Janeiro, Espírito Santo e parte dos de Minas Gerais (zona da mata e parte Leste). Na sequência temos o *subfalar mineiro* (compreende parte da região Leste e parte da Centro-Oeste) e por fim temos o *subfalar sulista* que abrange os falares de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Sul de Goiás, Sul de Minas, Triângulo Mineiro e Mato Grosso.

Entretanto, o vocalismo pretônico também apresenta divergências entre o português falado do Brasil e de Portugal, observa-se que além das características acústico-articulatórias, há também diferenças sistêmicas. Conforme Callou, Moraes e Leite (1996, p. 28) o que propicia um afastamento entre os dois falares PB e PE em escala maior decorre do processo de harmonia vocálica, que consiste na elevação das vogais médias pretônicas pela presença, em sílaba tônica, de uma vogal alta.

De acordo com Silva (2013) a alternância das vogais médias pretônicas elabora três regras diferentes: o **abaixamento** como ocorre em médias abertas [ɛ] e [ɔ], como em f[ɛ]riado / c[ɔ]légio; a **manutenção** recorrente em médias fechadas [e] e [o], como nas pronúncias f[e]riado/c[o]légio; e o **alteamento** como ocorre nas médias altas [i] e [u] como nas realizações f[i]riado/ c[u]légio.

Segundo Callou e Leite (2009) o comportamento fonológico não é amorfo, mas sim o aspecto mais estruturado da língua. As regras supracitadas são controladas pelos processos fonológicos, conforme Almeida (2017), Bisol (1981), Callou e Leite (2009), Viegas (2001), classificam-se em: a) neutralização; b) assimilação e c) harmonização vocálica. Explicaremos cada um desses processos a seguir:

a) Neutralização: A neutralização é um fenômeno corrente na fonologia do português brasileiro, definida como um processo que tem uma função estruturante do sistema do português. Conforme Vieira (2014) é a partir de sua aplicação que se define o número de fonemas em cada uma das posições das palavras: posição tônica, pretônica ou postônica. Esse processo é desencadeado através do fator prosódico, cuja função estabelecida é apontar o lugar de acento que sinaliza a posição de aplicação da regra. Para Bisol (2010) regras de neutralização são processos naturais, aplica-se em todo sistema de forma categórica, independentemente da vogal média escolhida para sua manifestação externa. Pensamento que se assemelha ao de Câmara Jr. (2004) ao enquadrar esse processo como categórico na língua, e que sua aplicação reduz o sistema para cinco vogais independentemente da vogal que manifeste.

Trata-se de um processo em que geralmente ocorre a perda de oposição entre as vogais médias /e, ε/, /o, ɔ/, segundo Araújo (2007), prevalecendo as variantes fechadas na variedade em estudo como podemos perceber nos exemplos: m[ε]dico > medicina e p[ɔ]rta > porteiro.

b) Assimilação: Para Callou e Leite (2003) o processo de assimilação é um dos mais conhecidos e é também responsável por muitas alterações fônicas. Conforme Felice (2012) nesse processo temos o desdobramento de um ou mais traços de um fonema para um outro segmento que pode estar próximo ou distante do balizador do processo, como em qu[i]ria, p[i]rigo, ab[u]rrecido e p[u]dia.

c) Harmonização Vocálica: Conforme Felice (2012) ocorre quando as vogais médias pretônicas assimilam o traço de altura da vogal alta presente na sílaba imediatamente seguinte, como em m[e]ntira – m[i]ntira e c[o]stume – c[u]stume.

Vale aqui ressaltar que os processos fonológicos exemplificados não são os únicos recorrentes no sistema vocálico do Português Brasileiro, entretanto, são os mais encontrados nos estudos sobre o alteamento das vogais médias em posição pré-acentuada. Segundo Felice (2012) esses três processos fonológicos acontecem para simplificar o sistema da língua.

No estudo pioneiro de Araújo (2007) a tese que trata do estudo das vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza apresenta em seus resultados, pontos importantes a serem discutidos. Comparando os percentuais do trabalho de Araújo (2007) com os índices dos trabalhos realizados nos estados do Rio de Janeiro (YACOVENCO, 1993), Bahia (SILVA, 1989) e Paraíba (PEREIRA, 1997), constatou-se que o alteamento é menos utilizado pelos falantes fortalezenses do que pelos falantes das localidades supracitadas.

Além disso, Araújo (2007) também validou o fator contiguidade como o mais importante na ocorrência do processo do alteamento, sobressaindo-se até do fator tonicidade. Observou também que a vogal anterior alta favorece a aplicação da regra, por isso é mais comum ouvir no falar dos fortalezenses: d/u/rmi, s/u/fri, etc.

Dos fatores sociais, foram considerados relevantes a idade e o grau de escolaridade. Sobre a variável escolaridade, notou-se que quanto maior o grau de escolaridade, menor aplicação da regra. Quanto menor o grau, mais elevado é o índice de aplicação da regra. Araújo (2007) conclui nesse contexto que, não é a prescritividade escolar que exerce influência sobre a regra, mas enfatiza aquilo que já foi amplamente discutido nos estudos da língua: o poder de influência da forma escrita sobre a competência oral do falante que usa a escrita. Dito isso, no falar popular fortalezense a variante em estudo é presente em todos os níveis de escolaridade.

Sobre o fator social idade observou-se que os mais velhos tendem a empregar mais a regra de elevação com maior relevância, enquanto os falantes mais jovens tendem a usá-las menos. Em suma, a FE-I (faixa etária I) favorece a manutenção e inibe o alçamento, a FE-III (faixa etária III) privilegia o alçamento. E finalizando as variáveis sociais, o fator sexo foi a única variável social que não foi considerada relevante em nenhuma das análises /e/ - /o/.

O outro trabalho sobre a produção das pretônicas no falar fortalezense, realizado por Almeida (2017), investigou a ocorrência do fenômeno no falar culto de Fortaleza, e observou que a ocorrência do alçamento de um modo geral é baixa, notou também que os verbos propiciam a realização do alçamento enquanto os substantivos não propiciam o alçamento.

No que tange às variáveis sociais, observou-se que os jovens inibem o alçamento, e que os mais velhos privilegiam a sua realização. O fator social masculino privilegia o alçamento, enquanto o fator feminino intimida seu uso. Almeida (2017) concluiu em seu estudo que, o alçamento mostrou-se pouco produtivo na fala culta de Fortaleza.

4 PERSPECTIVA DIALETOLÓGICA NOS ESTUDOS DAS CRENÇAS E ATITUDES

Iniciamos esta seção expondo uma breve discussão sobre língua e dialeto, pardicotômico crucial no estudo de variação linguística. Para explicar melhor cada um deles, tomamos por base algumas proposições dadas por Hitz e Aguilera (2017), Mota e Cardoso (2000), Cardoso (2015), Bagno (2003), Calvet (2002) e Amaral (1920).

Para Hitz e Aguilera (2017) a língua é um produto da interação humana com uma coerência estrutural, mas polvilhadas de variedades linguísticas a serviço do usuário, ou seja, a língua é um produto social. Para Bagno (2003), a língua é o processo e resultado, não uma ferramenta pronta.

Para fazer uma análise e descrição de uma língua é necessário levar em conta as suas variedades, suas funções, formas de uso e possíveis mudanças diacrônicas e sincrônicas. Isto, associado à categorização de diferentes variedades, fonêmicas, morfossintáticas, lexicais e semântico pragmáticas, pois cada estudo traça um roteiro de possibilidades, uma vez que existe uma infinidade de diferenças linguísticas organizadas no sistema de comunicação. (HITZ e AGUILERA, 2017, p. 255).

É fundamental compreender a língua em toda sua dinamicidade, considerando-a uma atividade social que deve ser observada nos mais diversos parâmetros: histórico, social, cultural, como um construto coletivo que se faz nos momentos de interação social, seja por meio da fala ou da escrita.

Quando passamos a entender a língua e toda sua heterogeneidade se torna mais fácil identificar o que é o dialeto propriamente dito, para Cardoso (2015) a variedade linguística é o dialeto, que, na maioria das comunidades linguísticas, é determinado pela região de origem do falante. Conforme propõe Hitz e Aguilera (2017), a concepção de dialeto é mais ampla:

O dialeto está numa configuração horizontal, pois é a base para a mudança linguística e centraliza os movimentos linguísticos para cada uma das extremidades verticais. Geralmente o dialeto é tomado com uma valoração inferior como se fosse a língua que pertencesse “à classe social de nível inferior”. No entanto, não há diferença sistêmica entre língua e dialeto, este é um substandard de um standard, entre ambas não há um status sistêmico. O que é diferente no dialeto é o seu status social, político e histórico, mas não sistêmico. (HITZ e AGUILERA, 2017, p. 256).

Pode-se depreender da citação acima destacada, que, língua e dialeto têm a mesma função sistêmica, somente o fator de status social deprecia o dialeto em relação ao seu usuário, no entanto, é uma questão pragmática, o contexto de uso, sinaliza o modo de falar para estabelecer uma comunicação.

Para Guedelha (2011), qualquer pessoa minimamente curiosa em relação à língua e que passa algum tempo em regiões diferentes facilmente percebe em cada uma delas, de diferentes formas e por razões diferentes, manifestações de reforço da identidade linguística local, comportamentos linguísticos que evidenciam, em maior ou menor grau, estereótipos e preconceitos arraigados no que concerne a outros falares.

Uma das possibilidades de realizar estudos e pesquisas da língua à luz da dialetologia foi a criação dos atlas linguísticos. Trata-se de um conjunto de mapas ou cartas linguísticas, nas quais estão registradas as variações em diversos níveis da língua: fonéticas, léxico-semânticas e morfossintáticas, recorrentes em várias regiões e localidades.

No Brasil, temos O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALIB) que é uma realização de grande amplitude, de face nacional e em desenvolvimento e apresenta como principal meta a criação do atlas geral do Brasil no que diz respeito à Língua Portuguesa. Para Oliveira; Paim e Ribeiro (2018), observa-se que um atlas linguístico é fundamental para os estudos da língua, pois, além de documentar a memória sociolinguística de um povo, é também um poderoso instrumento para as políticas linguísticas, sobretudo para as políticas de ensino.

Percebemos no falar fortalezense traços marcantes da oralidade, trata-se de variações da língua falada, das quais destacam-se os aspectos fonético-fonológicos, que muitas vezes, diferenciam o dialeto fortalezense de outros dialetos. Dito isso, não nos esqueçamos de que o enfoque nesta pesquisa se dá nos estudos relacionados ao alteamento vocálico e a partir daí, surge a inquietação em saber se esses traços são tão perceptíveis assim pelos falantes nascidos e residentes na cidade de Fortaleza, que juízos de valor atribuem.

Da mesma maneira, ficamos curiosos em observar se os falantes de outras regiões (paraenses e paulistas) selecionados para essa análise, e residentes em Fortaleza, percebem essas marcas, se atribuem um juízo de valor a ela, se sim, de que modo isso ocorre.

Esse estudo é possível com o auxílio da Dialetologia, imbricada nos estudos variacionistas e das Crenças e Atitudes. Essas considerações revelam a importância do estudo dialetológico nas investigações de cunho sociolinguístico. Sobre esse dialogismo, Razky e Gusmão (2019), afirmam que nesse espaço teórico, as ciências da linguagem ocupam um lugar importante, principalmente, no que se refere à macro sociolinguística e suas relações com a dialetologia, com a geolinguística e com todas as teorias que privilegiam o uso. Diante o exposto:

Sem desconhecer-se a importância de outros ramos dos estudos linguísticos e sem querer minimizar-se o papel de cada um deles, nesse momento da história, é urgente que se enfrente a descrição da realidade linguística brasileira no seu plano geográfico

e o melhor caminho, para esse conhecimento de amplitude continental, parece ser o que propõe a Dialectologia (MOTA E CARDOSO, P.46, 2000).

Concordamos com as proposições apresentadas nesta seção, propostas pelos diferentes estudiosos da dialetologia, por conseguinte, compreendemos o dialeto como parte integrante e constituinte dos falares, representante social de culturas diversas inerentes ao território nacional. Pautados nessa abordagem, acreditamos que é favorável ao desenvolvimento de nossa pesquisa e fundamental para atingir nossos objetivos, correlacionar a abordagem dos estudos dialetológicos aos estudos de crenças e atitudes do alteamento vocálico no falar fortalezense.

5 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: REFLEXOS NA AVALIAÇÃO SUBJETIVA

É a língua que simboliza os limites que separam o “nós” e os “outros”, uma vez que a língua que falamos identifica a nossa origem, nossa história, nossa cultura, o grupo a que pertencemos (CORBARI, 2012, P. 727)

Nesta seção de nosso trabalho buscamos apresentar a contribuição e a relevância do estudo de Crenças e Atitudes para a Sociolinguística, bem como sua interdisciplinaridade com outras grandes áreas científicas, tais como a Sociologia da Linguagem e a Psicologia Social. Encontramos na Psicologia Social o aporte no estudo da interrelação entre crenças - identidade – comportamento linguístico. Já a Sociologia da Linguagem concentra atenção em todos os elementos que estão relacionados à organização social do comportamento linguístico e sob a ótica da Sociolinguística, de um modo geral, a concentração das atenções recai sobre a Avaliação Subjetiva que os falantes fazem acerca de suas escolhas linguísticas.

Discorreremos a seguir, mais detalhadamente, como cada uma dessas áreas se organizam dentro desse conglomerado de olhares que divergem e, ao mesmo tempo, se integram. Por fim, ressaltaremos nosso objeto de investigação – as Vogais Médias Pretônicas – dentro desse contexto. Dessa forma, nossa organização dissertativa se dará da seguinte maneira: Crenças – Atitudes – Avaliação. Conforme Corbari (2012), a contribuição da Sociolinguística, de um modo geral, está na avaliação linguística que o falante atribui aos seus comportamentos linguísticos e os do outro.

No âmbito da Psicologia Social, a contribuição é entendida através dos subsídios oferecidos no estudo dos papéis, motivos e crenças exercidos sobre o comportamento linguístico do indivíduo. E a Sociologia da linguagem, de acordo com Alvarez (2019), tem relevância, sobretudo, no estudo do valor simbólico que as variantes linguísticas têm para seus falantes. Cabe ressaltar aqui que além dessas três áreas de estudo, a Linguística Aplicada tem revelado também muitas pesquisas nesse tema, cujo objetivo é geralmente investigar o ensino de língua materna e língua estrangeira ou segundas línguas.

O estudo de Crenças e Atitudes tem suas bases formadas no seio da Psicologia Social, mais especificamente, com os trabalhos de Lambert e Lambert (1966), que consideram a Psicologia Social o estudo experimental dos indivíduos, observados no seu encaixamento sociocultural. Ressaltam, pois, que o interesse nas questões da Psicologia Social está ao alcance de todos os cientistas do comportamento. Desse modo, “a Psicologia Social é, pois, um local de encontro de múltiplos interesses, de ideias e fatos (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p. 8).

Botassini (2013) destaca que a importância do estudo de Crenças e Atitudes para a Sociolinguística existe há muito e remonta aos estudos de Labov (2008), em sua pesquisa sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, na década de 60. Outras pesquisas também alertaram para a necessidade desses estudos, que atingem na análise um determinado nível de “consciência linguística”, das reações subjetivas dos falantes e do problema empírico da avaliação.

Sobre o processo de mudança e variação conforme a Teoria variacionista, em algum momento do processo de mudança as variantes em competição terão como característica peculiar uma significação social, avaliando-se negativa ou positivamente a variante inovadora. O avanço da mudança traz consigo uma elevação do nível de consciência social da mudança e do estabelecimento de um estereótipo social (WHL, 2006, p. 145).

As crenças correspondem, popularmente, às nossas credences, àquilo em que acreditamos e tomamos como verdade, embora não se tenha comprovação científica. Para Razky e Gusmão (2019):

De origem latina, a palavra “crença” tem sua raiz em *credentiaae*, que, etimologicamente, significa “aquilo ou aquele em que se crê”. Tal sentido mantém-se nos dias atuais, pois nos remete ao entendimento de que crença se refere a algo em que acreditamos como sendo verdade, mesmo que essa verdade não tenha valor empírico (RAZKY e GUSMÃO, 2019, p.179).

Michaelis (2020) registra as seguintes definições: Ato ou efeito de crer; conjunto de ideias religiosas compartilhadas por muitas pessoas; fé religiosa; convicção, credo; pensamento que se acredita ser verdadeiro ou seguro.

Sobre as atitudes, para Lambert e Lambert (2006) trata-se de um complexo fenômeno psicológico, que se reveste de um tremendo significado social. Ainda segundo os autores, “uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais, ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante” (LAMBERT E LAMBERT, 1966, p. 77-78).

Para Moreno Fernández (1998), a atitude linguística é uma manifestação da atitude social dos indivíduos, distinta por focar e registrar, de maneira peculiar, a língua e o uso que se faz dela na comunidade linguística. É, sobretudo, uma conduta.

Para os autores supracitados, o grau de avaliação de variações e de mudanças em progresso pode ser extraído mais seguramente nas reações subjetivas dos falantes em relação às variantes do que na sua produção. De acordo com Aguilera (2008), a atitude linguística assumida pelo falante implica noção de identidade, que se pode definir como a característica

ou o conjunto de características que permitem diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra, um povo de outro.

Essa identidade é classificada, segundo Moreno Fernández (1998), sob duas faces: *Objetiva*, categorizando-a pelas instituições (educacionais, culturais, religiosas, afins) que a compõem, e pelas pautas culturais (usos, costumes, tradições) que lhe dão originalidade. E *Subjetiva*, quando prioriza o sentimento de comunidade partilhado por todos os seus membros e a noção de divergência em relação aos demais. Dessarte, pode-se dizer que a variedade linguística é considerada um traço definidor da identidade de um grupo.

Há ainda a distinção entre identidade social e linguística. A identidade social, de acordo com Penna (2006), remete à construção simbólica que envolve processos de caráter histórico e social, que se articulam (e atualizam) no ato individual de atribuição, é, pois, a representação social do indivíduo. Já a identidade linguística conforme Martins (2019), demonstra a representação discursiva como pertencente a uma comunidade linguística, ao universo coletivo de uso de uma comunidade dialetal.

Evidencia-se, nos últimos estudos de crenças e atitudes linguísticas, a complexidade de esclarecimentos acerca da noção identitária.

As atitudes linguísticas podem ser estudadas sob duas perspectivas divergentes, de acordo com Corbari (2012): a mentalista que considera a atitude uma disposição mental, de ordem psicológica, em relação aos fatos sociolinguísticos concretos e a condutista/behaviorista, que entende a atitude como uma conduta, uma reação ou resposta a algum estímulo. Em nosso trabalho, tomando por base os parâmetros da Psicologia Social, oriundos de Lambert e Lambert (1966) adotamos um estudo de ordem mentalista.

5.1 Caminhos para uma avaliação sociolinguística

O sociolinguista Moreno Fernández (1998), em conformidade com a natureza das atitudes propostas pelos psicólogos sociais Lambert e Lambert (1966), aponta os componentes essenciais das atitudes, ambos localizados no mesmo nível.

A) Componente Cognoscitivo (o saber ou a crença):

Esse componente é considerado o mais importante diante dos demais, conforme Aguilera (2008), ele influencia os conhecimentos e julgamentos dos falantes, a saber: consciência linguística, crenças, estereótipos, característica de personalidade etc.

B) Componente Afetivo (a valoração):

Para Aguilera (2008), esse componente tem bases nos juízos de valor com relação às características da fala, por exemplo: lealdade, deslealdade, orgulho, sentimento de solidariedade, variedade dialetal etc.

C) Componente Conativo (a conduta):

De acordo com Aguilera (2008), refere-se à intenção de conduta, plano de ação e tendência reativa a depender do contexto comunicativo.

Para Lambert e Lambert (1966) a atitude está formada quando esses componentes convergem de tal forma interligados que os sentimentos e as tendências reativas inerentes ficam racionalmente com uma maneira específica de pensar em determinadas pessoas ou situações. Diante do exposto, para Cerezoli (2017), pressupõe-se que a atitude é uma conduta, uma reação ou uma resposta a um estímulo, ou seja, a uma língua, ação ou características sociolinguísticas determinadas, tem-se, diante dessa circunstância, a realização, ainda que superficial, de uma avaliação linguística.

Em outras palavras, quando nós ouvimos alguém falar, já pressupomos sua origem e provavelmente sua posição socioeconômica e, mesmo sem perceber, costumamos falar “achismos” sobre o falar do outro, se é um falar estranho, se não é natural no local em que nascemos, se achamos um sotaque arrastado ou cantado, expressivo ou agradável, bonito ou feio, e vez por outra, tendemos a comparar os mais diversos falares constituintes da heterogeneidade linguística do Português Brasileiro.

As atitudes linguísticas, segundo Corbari (2012), consistem em avaliações subjetivas sobre o valor das variedades em si e sobre seus falantes, tomando, muitas vezes, a forma de atributos. A influência das atitudes no nosso meio social é tão intrínseca que algumas vezes passa despercebida; para Lambert e Lambert (1966), as atitudes executam uma função fundamental na determinação do nosso comportamento, por exemplo, influenciam nossos julgamentos e percepções sobre o outro, auxiliam a determinar os grupos com que nos relacionamos, as profissões que elegemos e até as filosofias à sombra das quais vivemos.

Até aqui foram apresentadas peculiaridades das atitudes linguísticas, bem como das relações dialógicas entre língua e identidade, consciência linguística e representações sociais. Conforme Calvet (2002), existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas, e para com aqueles que a utilizam, que torna superficial a análise da língua como simples instrumento, de modo geral, acredita-se que as atitudes linguísticas exercem influências sobre o comportamento linguístico.

Vimos que, uma vez ajustados ao meio social, estamos naturalmente desenvolvendo nossas atitudes, ora exprimindo nossos pensamentos e crenças, ora exprimindo sentimentos e emoções, e predispostos a reagir em detrimento de outros comportamentos e situações sociais. Segundo Lambert e Lambert (1966, p.93), “O desdobramento das atitudes deve obedecer a princípios fixos de aprendizagem, que são interdependentes: princípios de *associação*, *transferência* e *satisfação de necessidades*”.

De acordo com Lambert e Lambert (1966), é através dos princípios de *associação e satisfação de necessidades* que aprendemos sentimentos e tendências reativas, por exemplo, nos aproximar de pessoas/situações agradáveis e a nos afastar de pessoas/situações desagradáveis, atitudes muitas vezes incompreendidas pelo indivíduo, torna-o atento aos pensamentos e crenças dos demais, permitindo-lhe adotá-los como um meio para justificar seus próprios sentimentos e tendências reativas, ou seja, indica que as atitudes não se encontram explícitas no comportamento ostensivo.

Através do princípio de *transferência*, temos o auxílio na explicação de como o indivíduo aprende atitudes, em especial, os constituintes pensamento-crença - com outros indivíduos. A essas atitudes pode-se atribuir valoração positiva ou negativa, com ressalva de que, de um modo geral, o indivíduo não tem consciência da maioria dessas ações tampouco da grande influência que elas têm sobre o nosso comportamento social.

Lambert e Lambert (1966) alegam que não incorporamos todas as atitudes transferidas, há por nossa parte a necessidade de selecionar as atitudes que nos chamam atenção, que para nós são relevantes; um exemplo dessa transferência é a fase da infância, período em que a criança normalmente observa e adota as atitudes daqueles com quem convive diariamente (seus pais). Desse modo, estabelece-se um grau de afeição a eles, e ao mesmo tempo, há a consolidação do sentimento de pertença ao núcleo familiar.

Por outro lado, os autores enfatizam que a carência de afeto e pertença da criança nem sempre são sanadas na família, e por esse motivo a criança pode demonstrar antipatia e podem ser selecionadas atitudes de outras pessoas importantes fora do seio familiar.

Encerramos esta seção em concordância com a premissa dos autores supracitados, ao afirmarem que boa parte do nosso comportamento social é orientado pelas atitudes que retemos, daí percebermos seus reflexos em nossos julgamentos e avaliações, nossas tendências reativas e na seleção de nossas bases filosóficas. Desse conjunto de fatores resulta a formação basilar da personalidade de cada indivíduo.

5.2 Reflexos da consciência linguística: respeito linguístico

Há um verbete elaborado por Scherre (2020), o *Respeito Linguístico* é a convivência harmoniosa entre as diferentes formas de falar, seja no plano das diferenças entre as línguas, seja no plano das diferenças entre as variedades no interior de uma mesma língua. As diferenças linguísticas, em qualquer plano, incluindo o social, caracterizam grupos de falantes e são mecanismos identitários.

É interessante ressaltar esse verbete, tendo em vista que é no âmbito das crenças e atitudes linguísticas que ainda hoje impera no Brasil o *preconceito linguístico*. É por meio de atitudes de rejeição ou de aceitação que, sem perceber, julgamos/avaliamos o falar do outro. Para Bagno (2007), a mudança de atitude é considerada como uma das principais estratégias eficazes de combate ao preconceito linguístico.

Durante a participação em uma videoconferência realizada pela Associação de Linguística (ABRALIN) sobre Respeito Linguístico: contribuições da Sociolinguística Variacionista, Marta Scherre afirmou que o respeito linguístico requer a capacidade de ouvir o outro com seus traços linguísticos sem julgamentos de valor, sem o imperioso desejo de mudar a fala do outro, sem humor ácido, sem *bullying*. É uma tarefa desafiadora, tendo em vista o contexto sociocultural e político pouco favorável para o cumprimento dessa “missão” e se considerarmos que reflexões antigas que permeiam o assunto persistem na atualidade.

Concordamos com essa assertiva, partindo do pressuposto de que é no âmbito das diferenças sociais que o respeito linguístico precisa ser mais claramente fomentado, porque as características linguísticas que são índices de pertencimento a classes sociais menos favorecidas são naturalizadas como erradas em todas as línguas do mundo, além disso, o acesso amplo às variedades de prestígio é extremamente desigual. A autora enfatiza ainda que Respeito linguístico é, portanto, um ponto claro e preciso do Bem Viver, uma utopia, “[um sonho] de uma sociedade com um sistema social, político e econômico ideal, com leis justas e dirigentes e políticos verdadeiramente empenhados no bem-estar de seus membros”.

A compreensão consistente da variação linguística abrange fatores sociais, também condicionantes à variação das línguas, por exemplo, o território e a sua história demográfica, as diferenças hierárquicas sociais, as diferentes faixas etárias, o gênero, as atividades em que o indivíduo está envolvido em dado momento, a situação comunicativa etc.

Reconhecer a variação e dar a ela uma explicação científica deve ter como consequência um sobrepujamento de todas as atitudes negativas que circundam parte considerável dos fenômenos da variação.

Nesse contexto, de compreensão consistente da variação, chega-se à conclusão de que há muitas discussões em torno do assunto, entretanto, na maioria das situações não se percebe uma apreensão teórico-prática consistente. Acrescentamos a esse aspecto o peso da normatividade que controla as relações sociais.

6 METODOLOGIA

A presente pesquisa adota princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística e do Estudo de Crenças e Atitudes Linguísticas. Segundo a perspectiva da Sociolinguística (LABOV, 2008), a avaliação da língua é determinante para a construção identitária linguística dos falantes.

Por estarmos investigando a avaliação social do falante e os reflexos dessa avaliação no comportamento linguístico, decidimos aplicar o modelo teórico-metodológico variacionista (Labov, 2008) por conferir aos dados coletados um tratamento estatístico e lidar com números.

Os dois questionários aplicados nesta pesquisa, adaptados de Botassini (2013), Cardoso (2015) e Souza (2017) foram elaborados na plataforma *Google Forms*, ferramenta que vem sendo muito utilizada em pesquisas acadêmicas durante o período pandêmico. Trata-se de uma ferramenta gratuita para criação de formulários *on-line*, acessível a qualquer usuário que tenha uma conta *Google*, além de poder ser acessado com facilidade, inclusive por meio do celular, também facilita ao pesquisador o processo de coleta dos dados e análise dos resultados, pois, a partir das respostas obtidas, cria planilhas e gráficos, automaticamente.

Neste trabalho, aventamos estudar as vogais médias pretônicas anterior /e/ e posterior /o/ no falar fortalezense, não do ponto de vista da produção, mas sim quanto ao aspecto estilístico na construção do significado social.

6.1 A amostra e os informantes

De acordo com o Censo Demográfico de 2010, a Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) chama atenção por acolher significativa parcela de imigrantes vindos ao Ceará. O estudo de Silva e Queiroz (2021) destaca que esse fluxo de imigrantes é possuidor de outras nacionalidades, mas fixam residência especialmente na capital Fortaleza, área considerada favorável em termos econômicos e geração de empregos, quando equiparado aos demais municípios da RMF.

Fortaleza, localizada na região nordeste do país, composta por 19 municípios, hoje é considerada um dos principais polos industriais da região. De acordo com os dados obtidos no último IBGE (2010), lidera a maior economia municipal da região nordeste, é considerada um dos principais centros econômicos regionais e uma importante referência nacional.

Além de ser apontada como um dos principais destinos turísticos do Nordeste, conforme afirma o Ministério de Turismo em 2021, a RMF centraliza os principais polos industriais do Ceará, concentrando empresas de diversos setores produtivos.

Escolhemos os fortalezenses e os paraenses considerando a proposta de Nascentes (1951), que os inclui no grupo de falares do norte, também por perceber que o alteamento vocálico é uma realização recorrente nestes dois falares. Os paulistas foram escolhidos por representarem, conforme Nascentes (1953), os falares do sul. Também consideramos que o alteamento pretônico não é uma realização frequente no falar paulista.

Nesse contexto, a seleção dos informantes foi organizada com base nas seguintes premissas:

- Para os fortalezenses, tanto os ouvintes quanto os pais devem ter nascido em Fortaleza;
- Para os paraenses e os paulistas, terem nascido em alguma cidade do estado do Pará e de São Paulo, respectivamente.
- Para todos os informantes: não terem morado fora da sua cidade natal entre os 2 e 12 anos, pois é um período considerado fundamental no processo de aquisição da linguagem.
- Para paraenses e paulistas, residirem em Fortaleza há pelo menos 5 anos.

Temos um total de 24 informantes, que são residentes na cidade de Fortaleza, entretanto, dos 24 informantes, 16 são naturais de outras regiões do Brasil, a saber: 08 provenientes de São Paulo e 08 são do Pará.

Além desses parâmetros, são consideradas ainda as Variáveis Sociais que seguem:

A) Faixa Etária

De acordo com Tarallo (1990), na previsão de um caso de variação que projete mudança dentro do sistema, o fator faixa etária é de extrema importância, uma vez que a amostragem de uma comunidade linguística por grupos etários diferentes conduzirá a dimensão procurada. Complementamos a importância dessa variável com a percepção de que normalmente os mais velhos tendem a preservar formas antigas, enquanto os mais novos costumam inovar as formas de uso da língua.

Entretanto, para Cardoso (2015), isso nem sempre ocorre, a divisão em faixas etárias é completamente arbitrária e tem, em geral, razões práticas.

A faixa etária intermediária é considerada uma faixa de transição e possivelmente de tendência mais para um lado (mais jovem) ou para a outra ponta etária (mais velha), já demonstrado por Labov (2008) na discussão sobre mudança linguística. Entretanto, nas pesquisas de Almeida (2017) e de Celia (2004), por exemplo, os resultados mostram que a FE-II e a FE-III beneficiam a regra do alteamento.

Tomando como exemplo alguns trabalhos já realizados sobre a produção do alteamento vocálico, temos em Araújo (2007) a reflexão de que os mais velhos tendem a empregar mais a regra da elevação, e os mais jovens, a usar menos. A faixa intermediária apresenta um comportamento neutro. Essas observações foram dadas num contexto de fala popular dos fortalezenses.

Em Almeida (2017) notou-se que os mais jovens inibem o alteamento, já a faixa intermediária e os mais velhos privilegiam a realização do alteamento. Vale lembrar que essa pesquisa se deu num contexto de fala culta dos fortalezenses.

Diante do exposto, em nosso trabalho foram criadas duas faixas etárias, a saber:

- Faixa Etária I (FE I): 18 – 30 anos (mais jovem)
- Faixa Etária II (FE II): 40 – 60 anos (mais velha)

Com esse critério, fator idade, objetivamos analisar como se dá a avaliação entre diferentes idades, acerca do objeto de estudo. Desconsideramos a faixa etária intermediária (FE II), pois acreditamos que não exerce influência na avaliação dos participantes, tomamos por base as conclusões dos trabalhos supracitados.

B) Sexo/Gênero do Participante

Para as pesquisas de cunho variacionista, esse fator é relevante para a realização de variáveis em diferentes níveis (fonológico, pragmático, sintático, entre outros). Conforme Cardoso (2015), a diferença de sexo é considerada um fator condicionante de heterogeneidade linguística.

Para a autora (CARDOSO, 2015, P.27), em geral, a geografia linguística, de base rural, vê a fala das mulheres como conservadora, enquanto a dialetologia urbana, pelo menos a dos grandes centros, a vê como inovadora. A argumentação para essa análise se dá por conta do papel economicamente mais vigoroso ocupado pela mulher, no contexto social atual.

Além disso, como aponta Avelheda (2019), é necessário tratar com muito cuidado os resultados e interpretá-los com ainda mais esmero, para evitar generalizações que ponham em perigo a análise que se empreende.

Segundo Araújo (2007), a variável sexo foi a única variável social que não foi considerada relevante em nenhuma das análises /e/ - /o/. O estudo de Almeida (2017) concluiu, no falar culto de Fortaleza, que o sexo masculino privilegia o alteamento enquanto o fator feminino intimida seu uso. Na pesquisa de Felice (2012), observou-se que o sexo feminino propicia o alteamento enquanto o sexo masculino não propicia tanto.

Mediante o exposto, consideramos interessante controlar essa variável, a fim de verificar o comportamento das mulheres e dos homens, quanto à realização do alteamento pretônico fortalezense.

- Homens = 12
- Mulheres = 12

C) Grau de Escolaridade

É importante controlar esse fator, uma vez que o grau de escolaridade funciona como mecanismo de promoção ou resistência à mudança (MOLLICA; BRAGA, 2020, P. 51).

Pretendemos verificar se a avaliação quanto à realização do alteamento pretônico se manifesta diferentemente na percepção dos escolarizados e na de não escolarizados. Araújo (2007) observou que, quanto maior o grau de escolaridade, menor aplicação da regra. E quanto menor o grau de escolaridade, mais elevado é o índice de aplicação da regra. Já Almeida (2017) concluiu que o alteamento se mostrou pouco produtivo na fala culta de Fortaleza. E o estudo de Felice (2012) revelou que, quanto menor escolaridade maior é a ocorrência da realização de alteamento, e quanto maior o grau de escolaridade, menor é a realização da regra.

Vale dizer, conforme afirma Avelheda (2019), que não é possível generalizar determinados resultados para todos os estudos sociolinguísticos que se empreendem, porque alguns aspectos são característicos da comunidade estudada e não se reproduzem em outras amostras. Pretendemos observar se isso ocorre em nossa amostra, tendo diferentes percepções dialetológicas acerca do mesmo fenômeno em análise.

Se a intenção de localizar os fatos lingüísticos nos espaços geopolíticos é uma constante na história dos estudos dialetais, a preocupação com as características sociais dos informantes e as suas implicações no uso que fazem da língua não tem passado à margem dos objetivos da Dialectologia e, especificamente, da Geografia Lingüística. Fatores sociais — idade, gênero, escolaridade, profissão — têm-se constituído em aspectos da variação que, de forma diferenciada e com graus distintos de focalização, vêm ocupando lugar nos estudos dialetais, especificamente naqueles que se desenvolvem sob a metodologia geolingüística (CARDOSO, 2002, p 05).

Organizamos no quadro abaixo as variáveis utilizadas neste trabalho: sexo, faixa etária, grau de escolaridade e localidade.

Quadro 2 - Distribuição dos Informantes por gênero, faixa etária, escolaridade e localidade

Localidade	Sexo											
	Homem						Mulher					
	SP		PA		FOR		SP		PA		FOR	
Escolaridade	E.F.	E.S.	E.F.	E.S.	E.F.	E.S.	E.F.	E.S.	E.F.	E.S.	E.F.	E.S.
Faixa Etária 17-30 anos	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Faixa Etária 45 - 60 anos	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Total	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2

Fonte: elaborada pela autora

A seleção de ouvintes de diferentes regiões, em tempos de pandemia, não foi uma tarefa fácil. Com o distanciamento social recomendado pelas autoridades sanitárias com objetivo de tentar conter o COVID-19, o trabalho da pesquisa de campo no viés Sociovariacionista tornou-se mais delicado, detalhado e de difícil acesso à coleta de participantes.

Desse modo, utilizamos as redes sociais *Whatsappe Instagram* para conseguir encontrar as pessoas com o perfil desejado. Nesse sentido, contamos com a ajuda de amigos, divulgando nossa proposta de pesquisa e pedindo indicações de pessoas que os colegas possivelmente conhecesse e pudesse colaborar respondendo aos questionários. Então os colegas foram falando com outros amigos das localidades selecionadas para participar desta pesquisa, as pessoas que haviam sido indicadas aceitaram o convite e a coleta de dados foi se desenvolvendo de forma satisfatória.

Ao explicar sobre como funcionariam as etapas da pesquisa, enfatizamos que se trata de uma pesquisa de opinião, sobre o uso da língua. De acordo com Souza (2017), o informante consciente sobre a realização do teste pode apresentar reações que prejudicariam a análise da coleta de dados, como:

- Ficar inseguro em responder as questões;
- Monitorar mais sua fala.

Após essas orientações iniciais e o aceite do informante para participar da pesquisa, foi enviado ao e-mail de cada um o Termo de Livre Consentimento (TLC) da pesquisa, um documento orientador aos informantes, explicando-lhes formalmente como se daria a sua participação na pesquisa, constando sua assinatura no final do termo.

A estratégia utilizada e, de certa forma, eficaz está sendo contar com a ajuda de algumas ferramentas virtuais, como WhatsApp e Instagram, para conversar com amigos e

familiares próximos, sobre nosso trabalho e solicitar possíveis encaminhamentos a contatos que apresentassem o perfil desejado.

6.2 Procedimento de coleta de dados

Em nossa investigação, orientamo-nos nas etapas e nos instrumentos metodológicos aplicados por Cardoso (1989), Botassini (2013) e Souza (2017). Entretanto, foram feitas algumas alterações visando a um encaixe metodológico mais específico dentro da nossa perspectiva investigativa.

Nossa metodologia consiste na aplicação de dois questionários: fechado e fechado avaliativo, ambos em um único arquivo, utilizando a ferramenta *Google Forms*, que cumprem o objetivo de analisar as Crenças e Atitudes dos ouvintes.

O *Google Forms* é uma ferramenta gratuita, fortemente utilizada e conhecida durante o período da pandemia, auxiliando na elaboração de formulários, avaliações e questionários *online*. O material fica disponível para qualquer usuário que tenha conta *Google*, além de poder ser acessado em várias plataformas, inclusive por meio do celular.

Nos questionários, baseamo-nos no modelo estruturado em Souza (2017) e Cardoso (2015), optando pela técnica de *falsos pares* proposta por Lambert e Lambert (1972). O Questionário Fechado (anexo A) teve a finalidade de examinar a percepção e as crenças e atitudes dos ouvintes sobre o falar fortalezense, mais especificamente, quanto ao alteamento pretônico. O Questionário Fechado Avaliativo teve como finalidade possibilitar o ouvinte avaliar o falante que realiza o alteamento, nesse contexto, os ouvintes emitiram juízos de valor acerca do segundo áudio (alteado).

7 CRENÇAS E ATITUDES: ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, serão levantados, descritos e discutidos aspectos das atitudes linguísticas manifestadas nas respostas encontradas nos questionários fechado e fechado avaliativo. Intenta-se analisar as crenças e atitudes linguísticas de indivíduos fortalezenses e não fortalezenses, todos residentes em Fortaleza, com relação ao alteamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/.

Entende-se que conciliar os resultados Sociolinguísticos com os de Crenças e Atitudes seja o método mais eficaz para alcançar resultados mais confiáveis com relação à avaliação e à percepção dos ouvintes. Segundo Labov (2008):

A técnica dos falsos pares “desenvolvida por Lambert (1967) é o instrumento básico agora amplamente utilizado para o estudo de reações subjetivas à linguagem. O princípio essencial que emerge do trabalho de Lambert é o de que existe um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são compartilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão. Essas atitudes não emergem de forma sistemática se a pessoa for questionada diretamente sobre os dialetos; mas se ela fizer dois conjuntos de julgamentos de personalidade sobre o mesmo falante usando duas formas diferentes da língua, e se não perceber que é o mesmo falante, suas avaliações subjetivas da língua emergirão como diferenças nas duas pontuações. (2008, p. 176).

Como foi descrito na metodologia, os testes de Crenças e Atitudes são compostos por dois questionários: fechado e fechado avaliativo. Os testes foram aplicados a 12 ouvintes do gênero masculino e 12 ouvintes do gênero feminino. Foram considerados os aspectos socioculturais faixa etária, grau de escolaridade, naturalidade e gênero/sexo de cada ouvinte.

Na presente pesquisa, optou-se por realizar somente a técnica de *falsos pares*, por acreditar que esse caminho nos levaria ao que almejamos alcançar no objetivo geral deste trabalho: a avaliação dos usuários da língua na cidade de Fortaleza, acerca das crenças e atitudes diante da ocorrência do alteamento vocálico médio pretônico.

No questionário fechado, a pesquisadora faz 14 perguntas aos ouvintes participantes da pesquisa, referentes ao alteamento. É importante destacar que, antes das perguntas, há dois áudios, da mesma pessoa falando um mesmo texto. No primeiro áudio, as vogais médias pretônicas foram produzidas mantendo a posição das vogais médias /e/, e /o/, no segundo, as vogais foram produzidas com a realização do alteamento [i] e [u], intencionalmente.

As perguntas têm o intuito de observar se o ouvinte: a) atribui valorização social ao fenômeno; b) percebe o alteamento nos áudios; c) constrói juízo de valor acerca de um grupo específico; d) observa que as vogais médias alteadas constituem um demarcador dialetal.

Não propomos nenhum material de coleta dos dados voltados para a produção, pois salientamos, desde o objetivo geral de nossa investigação, que a intenção é exclusivamente comportamentalista, sendo observadas percepções, avaliações e crenças dos ouvintes mediante os áudios escutados e as respostas atribuídas a cada pergunta do questionário linguístico.

O questionário fechado avaliativo, realizado com os mesmos áudios do questionário fechado, utiliza-se da técnica dos *falsos pares*, nomenclatura atribuída pelos percussores dos estudos de crenças e atitudes, os irmãos Lambert e Lambert (1972). Essa técnica vem sendo utilizada frequentemente em estudos de reações subjetivas à linguagem, na qual os ouvintes emitem um juízo de valor positivo ou negativo sobre o que perceberam nos áudios que foram ouvidos. Os áudios foram gravados pela mesma pessoa, uma mulher, com grau de escolaridade superior completo, natural da cidade de Fortaleza.

As respostas foram analisadas seguindo as seguintes etapas: descrição dos áudios que foram apresentados aos ouvintes, tanto um como o outro terão marcações fonéticas visando informar o leitor como foram produzidas as realizações dos alteamentos; em seguida, fizemos um levantamento de dados utilizando quadros, destacando os aspectos socioculturais supramencionados na seção metodológica deste trabalho.

7.1 Áudios Aplicados no Teste de Percepção das vogais anteriores e posteriores

O trecho extraído para gravação dos áudios foi retirado do livro “O muito e o pouco”, da autora Joana D’Arc Tôrres de Assis. O livro traz uma coletânea de poemas que busca incentivar o leitor a refletir sobre alguns aspectos que permeiam questões existenciais, principalmente, sobre aquelas ligadas à filosofia e ao psicossocial. Encontramos, no excerto apresentado abaixo, ocorrências das vogais anteriores e posteriores que consideramos interessantes para utilizar na aplicação dos testes de percepção das vogais anteriores e posteriores.

Consideramos o texto relevante tanto do ponto de vista pedagógico, por se tratar de um poema, gênero textual bastante utilizado em avaliações e concursos para serem trabalhados aspectos linguísticos, quanto do ponto de vista estratégico, por promover no ouvinte a reflexão sobre o sofrimento humano, as dores existenciais motivadas ou não pelas dificuldades impostas

no dia a dia e, principalmente, por enaltecer o valor da coragem, da beleza que é viver. Reiteramos, neste espaço do nosso trabalho, um teor poético, na medida em que está sendo construído em um momento extremamente caótico, sobressaliente ao universo acadêmico.

Justificada a nossa escolha pelo texto descrito, apresentamos abaixo os excertos (ASSIS, 2011, p. 21-22), aplicados nos questionários:

Áudio 1: É hora de s/o/frer a ponto de ad/o/ecer e virar b/o/rocochô? Não, não. É hora de sentir a dor e dar um salto, pirueta, tique-taque. Você, apesar de menin/o/, e agora tão triste e sozinh/o/, pr/e/cisa saber, Dodô, que a vida nunca se fecha em uma questão. Nem em várias questões. Quando a dor d/e/rruba e o medo /e/spreme a gente, chegou a hora de pr/o/curar. A coragem tem artes de maga. Aquece as mãos, sopra as f/e/ridas. Traz al/e/gria e põe brilho no olhar. Cura.

Áudio 2: É hora de s/u/frer a ponto de ad/ui/cer e virar b/u/rocochô? Não, não. É hora de sentir a dor e dar um salto, pirueta, tique-taque. Você, apesar de menin/u/, e agora tão triste e sozinh/u/, pr/i/cisa saber, Dodô, que a vida nunca se fecha em uma questão. Nem em várias questões. Quando a dor d/i/rruba e o medo /i/spreme a gente, chegou a hora de pr/u/curar. A coragem tem artes de maga. Aquece as mãos, sopra as f/i/ridas. Traz al/i/gria e põe brilho no olhar. Cura.

7.2 Análise de Crenças e Atitudes: Questionário Fechado

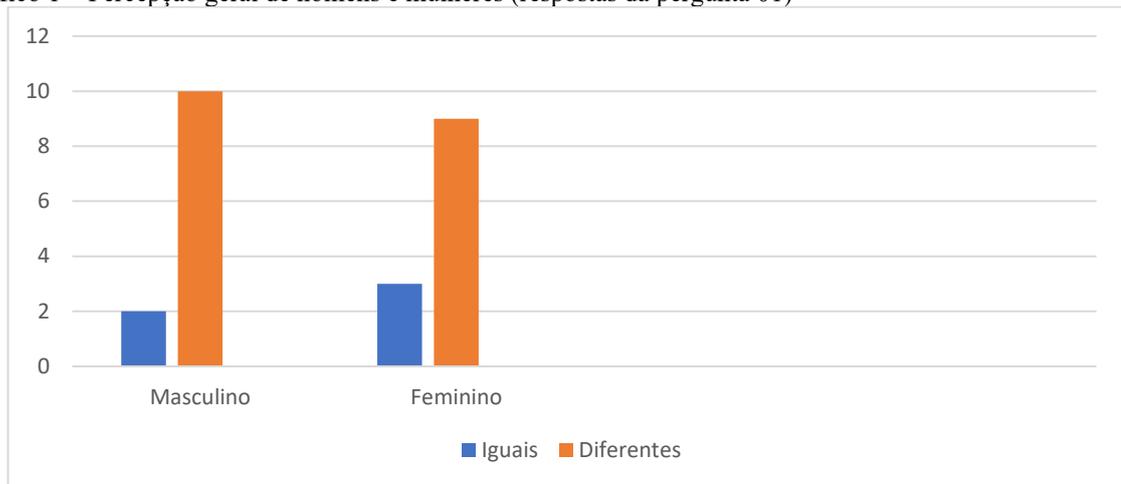
Foi aplicado primeiro o questionário fechado (anexo A), onde foi utilizado o teste de falsos pares, e se organizou da seguinte forma: antes das perguntas havia dois áudios de uma mesma pessoa falando um mesmo texto. No primeiro áudio, as vogais médias foram pronunciadas como médias fechadas [e, o] e no segundo áudio como médias altas [i, u]. Após a escuta dos áudios, os ouvintes responderam 14 perguntas, todas referentes ao falar fortalezense, direcionadas ao alteamento vocálico pretônico.

Iniciaremos as análises das respostas obtidas no questionário fechado e apresentaremos as respostas organizadas em quadros. Se contextualizado for, faremos também a exposição de um gráfico geral com as respostas dos ouvintes.

Pergunta 1: Para você, os áudios 1 e 2 são iguais ou diferentes?

Essa questão foi utilizada intencionalmente como a pergunta inicial do questionário, cumprindo a finalidade de verificar a percepção dos ouvintes (homens e mulheres) fortalezenses e não-fortalezenses quanto aos áudios apresentados, diferença essa marcada pela ocorrência do alteamento das vogais pretônicas. Organizamos todas as 24 respostas no gráfico a seguir.

Gráfico 1 – Percepção geral de homens e mulheres (respostas da pergunta 01)



Fonte: Elaborado pela autora

A avaliação geral entre os dois grupos (masculino e feminino) apontou que a maioria deles percebeu alguma diferença nas pronúncias realizadas no segundo áudio. Dos 12 homens, 10 deles disseram perceber alguma diferença, e 02 acharam os áudios iguais. Das 12 mulheres, 09 delas também afirmaram notar diferença entre os dois áudios apresentados no questionário fechado e 03 não perceberam alguma diferença. Com essa visão geral das respostas, podemos interpretar que os grupos masculino e feminino demonstraram ser sensíveis à pronúncia das vogais alteadas que foram apresentadas no segundo áudio.

Organizamos no quadro abaixo todas as respostas, a fim de realizar uma análise mais minuciosa, onde poderemos observar no total de respostas dos 24 ouvintes, qual grupo de homens e mulheres, entre fortalezenses e não-fortalezenses, foi mais sensível à percepção.

Quadro 3- Pergunta 1: Para você, os áudios 1 e 2, são iguais ou diferentes?

Ouvintes/ Localidades	Iguais/ Não percebeu	Diferentes/Percebeu
Fortalezenses (homens)	0	4
Fortalezenses (mulheres)	1	3
Paraenses (homens)	1	3
Paraenses(mulheres)	1	3
Paulistas (homens)	1	3
Paulistas(mulheres)	1	3

Fonte: Elaborada pela autora

No quadro acima contemplamos as respostas de homens e mulheres fortalezenses e não-fortalezenses mediante suas percepções e observamos que: no grupo de mulheres fortalezenses, das 04 ouvintes somente 01 respondeu que os áudios são iguais e 03 mulheres afirmaram que os áudios são diferentes; no sexo masculino, os 04 homens ouvintes afirmaram que os áudios eram diferentes.

No grupo dos ouvintes paraenses e paulistas, nota-se uma semelhança entre as respostas. No grupo dos paulistas, 3 homens afirmaram ter percebido diferenças e 01 deles afirmou que os áudios eram iguais; da mesma maneira ocorreu com as respostas dadas pelos paraenses.

Com relação à percepção nesse momento inicial do questionário, alteamento das vogais médias pretônicas no falar fortalezense é uma variável sensível à avaliação nos respectivos grupos. Comparamos esses resultados iniciais com as conclusões das investigações realizadas por Araújo (2007) e Almeida (2019), do ponto de vista da produção, do alçamento vocálico quanto a variável sexo.

O estudo realizado no contexto de fala popular em Fortaleza, demonstrou que a variável sexo não foi considerada relevante para a análise da produção do alteamento. Já o mesmo estudo sendo realizado no contexto da fala culta revelou no monitoramento estilístico que o fator masculino privilegia o alteamento, enquanto o fator feminino intimida seu uso.

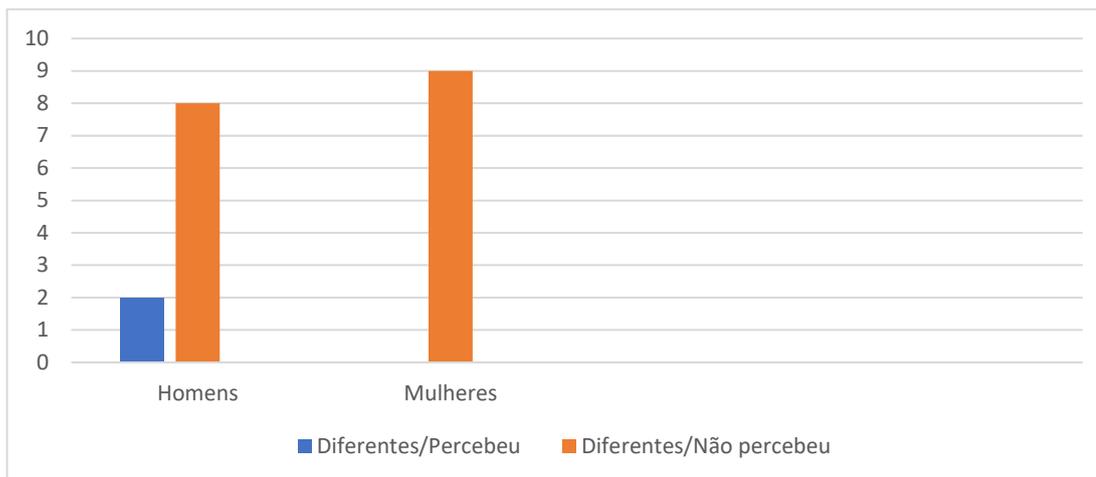
Na primeira questão, sobre percepção do fenômeno fonético-fonológico do alteamento vocálico, verificamos que entre todos os grupos de ouvintes observados, o único grupo que demonstrou ser totalmente sensível, seguro quanto à percepção da diferença apresentada nos dois áudios (alteado x não -alteado) foram os fortalezenses do sexo masculino.

Pergunta 2: Com relação à resposta da pergunta anterior, caso tenha marcado a opção "diferentes", se diferenciam em quê?

Dos 24 ouvintes, fortalezenses e não-fortalezenses, somente 05 deles acharam a pronúncia dos dois áudios iguais, e os outros 19 perceberam diferença de pronúncia.

No grupo masculino, 10 ouvintes notaram diferença entre os áudios, destes, somente 02 identificaram a realização do alteamento. No grupo feminino, das 12 ouvintes, 09 perceberam alguma diferença, mas nenhuma identificou o alteamento. Organizamos no gráfico 02, um panorama geral com as respostas das percepções entre homens e mulheres na 2ª questão do questionário.

Gráfico 02- Percepção geral de homens e mulheres (respostas da pergunta 02)



Fonte: Elaborado pela autora.

Na segunda pergunta do questionário impulsionamos os ouvintes que perceberam diferença entre os áudios 01 e 02, a escrever o que eles notaram de diferente. Essa questão é aberta, e nela o ouvinte teve o espaço de colocar sua percepção por escrito.

Organizamos, também, um quadro com as respostas dos fortalezenses e não-fortalezenses, homens e mulheres, que se mostraram mais sensíveis à percepção sonora dos dois áudios apresentados (foram 19 respostas no total, entre homens e mulheres, que notaram diferença).

Nas respostas dos ouvintes fortalezenses do sexo masculino, quanto à percepção de diferenças que perceberam nos áudios 1 e 2, como podemos conferir no quadro acima,⁰³ ouvintes perceberam diferenças na pronúncia dos dois áudios e 01 ouvinte percebeu diferença quanto ao sotaque. Conforme as respostas das mulheres fortalezenses, já apontamos, na primeira pergunta, que 01 delas não percebeu diferença entre as pronúncias, e as outras 03 que responderam perceber, consideraram, como fator determinante para essa diferença a pronúncia.

Cabe ressaltar que nas respostas das fortalezenses chamou atenção a objetividade e brevidade nas respostas, conforme transcrevemos no quadro 04, as fortalezenses não enfatizaram o traço da pronúncia que acharam diferente entre um áudio e o outro, quer dizer, apenas 01 delas realmente sinaliza que a diferença notável entre os dois áudios é pertinente ao sotaque.

Nas respostas dadas pelos paulistas, apenas 01 homem percebeu a realização do alteamento: “*Consigo perceber a pronúncia das sílabas terminadas em “o” e “i” de formas diferentes nos áudios, a do “o” puxando bastante para o “u”, exemplo “sofrer” no áudio 1 e “sufre” no 2*”. Os outros 02 ouvintes responderam apenas que perceberam diferenças

quanto à pronúncia, atribuindo-lhes características suprasegmentais da língua: “*Entonação, sotaque e timbre*”, respondeu um dos paulistas.

Quadro 4–Respostas dos ouvintes fortalezenses e não-fortalezenses à pergunta 2.

Ouvintes/Localidade	Respostas (Percepção de diferenças)
<u>Fortalezenses (homens)</u>	<ul style="list-style-type: none"> • “Quanto a nitidez da pronúncia”; • “O primeiro áudio utiliza algumas palavras pronunciadas corretamente que no outro não estão”; • “O sotaque dos falantes”; • “A forma de pronunciar as palavras”.
<u>Fortalezenses (mulheres)</u>	<ul style="list-style-type: none"> • “Algumas palavras”; • “Parte final”; • “Variação do sotaque”;
<u>Paraenses (homens)</u>	<ul style="list-style-type: none"> • “Sotaques diferentes”; • “No sotaque”; • Há, no segundo áudio, a substituição de algumas vogais por outra, como “e” por “i” e “o” por “u”. Nós dois há supressão da letra “m” na palavra “uma”. No segundo também notei a supressão do “nh” na palavra “sozinho”.
<u>Paraenses (mulheres)</u>	<ul style="list-style-type: none"> • “Na pronúncia de algumas palavras”; • “Nas pronúncias das palavras”; • “Existe no áudio 1 uma pronúncia mais acentuada do NH em relação ao áudio 2”;
<u>Paulistas (homens)</u>	<ul style="list-style-type: none"> • “Entonação, sotaque e timbre”; • “Consigo perceber a pronúncia das sílabas terminadas em “o” e “i” de formas diferentes nos áudios, a do “o” puxando bastante para o “u”, exemplo “sofrer” no áudio 1 e “sufre” no 2”; • “Na forma de pronunciar as palavras”;
<u>Paulistas (mulheres)</u>	<ul style="list-style-type: none"> • “A entonação das palavras”; • “A diferença é muito sutil para mim, mas no segundo áudio fica um pouco evidente o sotaque do interior”; • “A tonicidade em algumas palavras é diferente e também o ritmo”;

Fonte: Elaborado pela autora.

Já no grupo de mulheres paulistas que ouviram os áudios, apenas uma delas não percebeu diferenças entre os áudios. Outras 02 ouvintes observaram a diferença relacionando-a com aspectos suprasegmentais, tais como entonação e ritmo: “*A entonação das palavras*”, respondeu uma delas; “*tonicidade em algumas palavras é diferente e também o ritmo*”, disse a outra ouvinte paulista. E uma única ouvinte paulista fez referência à diferença percebida nos áudios com um falar interiorano: “*A diferença é muito sutil para mim, mas no segundo áudio fica um pouco evidente o sotaque do interior*”.

Finalizamos a análise da segunda pergunta com as respostas dadas pelos paraenses. No grupo masculino, verificou-se que sobressaiu a percepção relacionada também à pronúncia, destacando nesse contexto o sotaque. Houve uma resposta que chamou a atenção pelo fato de o ouvinte ter correlacionado a divergência quanto à pronúncia, enfatizando o uso da palatal

nasal vozeada *n*: “*Existe no áudio 1 (não alteado) uma pronúncia mais acentuada do ‘nh’ em relação ao áudio 2*” (alteado).

Apenas 01 paraense observou a realização do alteamento vocálico e, além disso, curiosamente, ele também chamou a atenção para a ocorrência da nasal palatal vozeada /*ɲ*/ e da nasal bilabial vozeada /*m*/: “*Há, no segundo áudio (alteado), a substituição de algumas vogais por outra, como “e” por “i” e “o” por “u”. Nos dois há supressão da letra “m” na palavra “uma”. No segundo também notei a supressão do “nh” na palavra “sozinho”.*”

Visto isso, percebeu-se que o alteamento é uma realização que desperta a consciência linguística dos falantes, tanto fortalezenses quanto não-fortalezenses. São realizações que, na maioria das vezes, estão arraigadas às vivências dos ouvintes.

Quando se perguntou sobre a percepção de diferenças e qual(ais) foi(foram) ela(s), verificou-se, nas respostas, que houve uma ênfase na percepção quanto à pronúncia das palavras (alteadas e não alteadas).

Em suma, dos 24 ouvintes (fortalezenses e não-fortalezenses) mais da metade demonstrou perceber diferenças nos áudios, totalizando nas respostas de 19 ouvintes. Desse total, 13 deles responderam que perceberam diferença quanto à pronúncia; 04 justificaram ser o sotaque que mais chamou a atenção; e apenas 02 deles (paraense e paulista) perceberam a realização do alteamento.

Queremos demonstrar, com esses dados numéricos, que, do ponto de vista acústico/estético, o alteamento pretônico chama atenção do ouvinte, parecendo pouco provável não notar a diferença, por exemplo, entre *s/o/frer* e *s/u/frer*.

Pergunta 3: Você acha que os fortalezenses falam como no 1º ou no 2º áudio?

A pergunta 03 foi uma questão objetiva cuja finalidade foi de verificar a autoavaliação dos fortalezenses quanto aos seus próprios modos de falar e qual a avaliação feita pelos não-fortalezenses sobre o falar fortalezense. Nessa questão, apareciam apenas duas opções para assinalar de acordo com a percepção dos ouvintes: como eles acham que falam os fortalezenses, se seria como no primeiro áudio em que as pronúncias das palavras não apresentavam alteamento ou como no segundo áudio, em que apareciam algumas ocorrências do alteamento.

Organizamos as respostas dos 24 ouvintes no quadro a seguir.

Quadro 5 - Respostas dos ouvintes fortalezenses e não-fortalezenses à pergunta 3

Ouvintes/ Localidades	Como no 1º áudio (não alteado)	Como no 2º áudio (alteado)
Fortalezenses (homens)	3	1
Fortalezenses (mulheres)	3	1
Paraenses (homens)	3	1
Paraenses (mulheres)	0	4
Paulistas (homens)	1	3
Paulistas (mulheres)	3	1

Fonte: Elaborada pela autora

Nas respostas dos fortalezenses, de acordo com o exposto no quadro acima, apenas 01 homem e 01 mulher avaliaram o falar fortalezense como no segundo áudio, em que apareciam algumas palavras alteadas. Os demais ouvintes fortalezenses (maioria deles) avaliaram o modo de falar fortalezense como no primeiro áudio, em que as pronúncias das palavras não apresentavam alteamento.

Se compararmos este resultado do teste de percepção no âmbito das crenças e atitudes, com o resultado da pesquisa de Araújo (2007), no falar popular de fortaleza, ao concluir que a regra de alteamento coexiste com a manutenção das médias e também com a conclusão do trabalho de Almeida (2019), em que o alteamento se mostrou pouco produtivo na fala culta de Fortaleza, podemos considerar que a autoavaliação dos fortalezenses quanto ao seu modo de falar manteve-se fiel aos fatores de uso.

Quanto às respostas dos ouvintes não-fortalezenses começamos a observar as respostas dadas pelos paraenses: todas as mulheres paraenses consideraram o falar fortalezense como no segundo áudio, aquele em que há o alçamento; com relação aos homens paraenses apenas 01 deles considerou o falar fortalezense como no segundo áudio, enquanto os outros 03 relacionaram o falar fortalezense ao primeiro áudio, em que não aparece alçamento de palavras.

Nas respostas dos paulistas: 03 mulheres e 01 homem atribuíram o falar fortalezense ao áudio 1 (não alteado); três homens e uma mulher paulistas consideraram o falar fortalezense como no segundo áudio (alteado). Mesmo com um saldo de respostas bem heterogêneo nessa pergunta 3, é notório observar o contraste obtido no total de avaliações, falamos em avaliação pois é o objetivo dessa questão 03.

Os fortalezenses, em sua maioria, avaliaram o próprio modo de falar sem a presença de alteamento vocálico, perspectiva que se válida do ponto de vista da produtividade, do fenômeno fonético-fonológico. Em contrapartida, os ouvintes não-fortalezenses, subdivididos nos grupos de paraenses e paulistas, em sua maioria, avaliaram o falar fortalezense como um falar que é marcado pela realização do alteamento vocálico pretônico.

Essa pergunta objetivou fazer uma autoavaliação com os fortalezenses: dos 08 ouvintes, apenas dois deles se reconheceram como um povo que fala alteando as vogais. Já para os não fortalezenses, percebemos que houve mais avaliações de reconhecimento do falar alteado nos fortalezenses; dos 16 ouvintes, entre paraenses e paulistas, 09 avaliaram o falar fortalezense como no segundo áudio (alteado), enquanto os outros 07 ouvintes (entre paulistas e paraenses) não acham que o falar fortalezense apresenta alteamento.

Com esse panorama, ainda parcial, reforça-se a tese proposta do alteamento como um marcador dialetal.

Pergunta 4 – Se você tivesse que atribuir um grau de escolaridade à pessoa que produziu o primeiro áudio, você diria que ela cursou ensino básico ou superior?

Pergunta 5 – Se você tivesse que atribuir um grau de escolaridade à pessoa que produziu o segundo áudio, você diria que ela cursou ensino básico ou superior?

A pergunta 04 teve como objetivo identificar qual avaliação feita pelos ouvintes, acerca do grau de escolaridade atribuído ao 1º áudio (falar não alteado). A pergunta 05 teve como objetivo identificar qual avaliação feita pelos ouvintes, acerca do grau de escolaridade atribuído ao 1º áudio (falar não alteado). Para melhor compreensão desta análise organizamos as respostas dos ouvintes no quadro abaixo.

Quadro 6 – Respostas dos ouvintes fortalezenses e não-fortalezenses às perguntas 04 e 05

Ouvintes/ Localidades	Pergunta 04		Pergunta 05	
	Ensino Básico	Ensino Superior	Ensino Básico	Ensino Superior
Fortalezenses (homens)	01	03	01	03
Fortalezenses (mulheres)	Nenhum	04	01	03
Paraenses (homens)	03	01	01	03
Paraenses (mulheres)	04	Nenhum	02	02
Paulistas (homens)	01	03	Nenhum	04
Paulistas (mulheres)	03	01	03	01

Fonte: Elaborada pela autora

O quadro acima demonstra que foi quase unânime, no grupo fortalezense, atribuição à pessoa que produziu o primeiro áudio (sem a presença do alteamento) o nível de ensino superior; apenas um ouvinte atribuiu o nível de ensino básico.

Observamos nas respostas dos paraenses que a maioria deles (07 dos 08 ouvintes) atribuiu à produtora do primeiro áudio o nível básico de ensino; o contrário se percebe nas

respostas dadas pelos paulistas, nas quais metade dos ouvintes (04 dos 08 no total) atribuiu o nível básico e a outra metade atribui o nível superior de ensino.

Com base no resultado geral de respostas para a pergunta 04, apresentado no quadro 06, observamos que tanto entre os fortalezenses quanto entre não-fortalezenses não houve uma avaliação mais positiva ou mais negativa quanto ao falar não alteado: dos 24 ouvintes, 12 (metade do grupo de ouvintes) responderam que o grau de escolaridade atribuído seria do nível superior de ensino, e os outros 12 ouvintes atribuíram o nível básico.

Observando as respostas obtidas na pergunta 05 verificou-se que foi atribuído o nível superior de escolaridade ao falante do segundo áudio (alteado), na opinião da maioria dos ouvintes fortalezenses (um total de 06 ouvintes). Nesse contexto podemos considerar que se trata de um caso de “lealdade linguística”, ou seja, uma atitude positiva em relação à língua e suas possibilidades de uso. Conforme acena Botassini (2013), a lealdade linguística está associada ao orgulho de pertencimento de um grupo, de modo que este orgulho está vinculado ao poder e ao *status* ligado a determinados grupos linguísticos, inerentes à sua posição social, econômica e/ou cultural.

Dito isso, é provável que, para os fortalezenses o alteamento vocálico seja considerado uma das marcas identitárias do falar nordestino sendo, portanto, uma realização recorrente em contextos de fala popular e culta, conforme os estudos de produção apontam supracitados neste trabalho. Sobremaneira, através das percepções dos ouvintes fortalezenses o pareamento com o resultado do estudo pioneiro sobre a produção do alteamento realizado na fala popular de Fortaleza, que não validou o alteamento como uma regra estigmatizada, entendendo que o fenômeno aparece tanto na fala dos mais escolarizados quanto dos menos escolarizados, mesmo que naquela ocorra com menos frequência por intervenção da ortografia.

Portanto, é possível que isso justifique o fato de quase todos os fortalezenses participantes desta pesquisa atribuírem ao falar alteado um nível superior de ensino.

Para os paraenses, 03 ouvintes atribuíram ao falante do segundo áudio um nível básico de ensino, e os outros 05 ouvintes conferiram a esse falante um nível escolar superior. Sobre essa percepção dos ouvintes paraenses podemos inferir que o alteamento vocálico é uma realização também recorrente no falar paraense, desse modo, há possibilidade de os ouvintes julgarem tanto positivamente quanto negativamente o falar alteado. Já familiarizados com essa realização de alteamento vocálico pretônico, acredita-se que para os paraenses não tenha sido difícil identificar o fenômeno e tampouco expressar suas impressões sobre ele.

Com relação à impressão dos paulistas, a maioria dos ouvintes (um total de 03) atribuiu ao falante do segundo áudio um nível básico de instrução escolar e apenas 05 deles atribuíram o nível superior de escolaridade. Essa disparidade entre as respostas dos paulistas pode sinalizar mais um caso de lealdade linguística, se levarmos em consideração que o alteamento vocálico não é uma realização recorrente entre o falar dos paulistas, e dessa forma, eles julgam negativamente o falar fortalezense, atribuindo-lhe assim um nível de instrução básico e de certo modo, esse julgamento pode funcionar como um mecanismo de defesa do próprio dialeto paulista.

Notou-se expressiva a heterogeneidade de opiniões quanto à atribuição do nível básico/superior de escolaridade ao aparecimento/supressão de palavras alteadas. há realizações do alçamento vocálico.

Traçamos uma análise total genérica com respostas dos homens x das mulheres, independente da procedência dos ouvintes, impulsionados em perceber se o fator sexo pode ser agente motivacional para inserção de juízos de valor positivos ou negativos, em contexto de alteamento e manutenção do quadro vocálico pretônico no falar fortalezense. Conforme demonstramos no quadro abaixo:

Quadro 7 -Avaliação Geral dos homens e das mulheres às perguntas 04 e 05

Ouvintes/ Localidades	Áudio 01(Não-Alteado)		Áudio 02 (Alteado)	
	Nível Básico	Nível Superior	Nível Básico	Nível Superior
<i>Homens</i>	05	07	02	10
<i>Mulheres</i>	07	05	06	06

Fonte: elaborado pela autora

De acordo com as informações apresentadas no quadro geral, da avaliação feita pelos homens e pelas mulheres no primeiro áudio, observamos: os homens avaliaram mais positivamente o áudio não-alteado do que as mulheres, não se trata de uma grande diferença numérica: dos 12 homens que ouviram o áudio 01, 07 deles atribuíram ensino superior de instrução escolar; enquanto que, na avaliação feminina, das 12 ouvintes somente 05 delas atribuíram ensino superior de escolaridade (exceto as paraenses – nenhuma delas avaliou o primeiro áudio positivamente) ao falante que produziu o primeiro áudio.

Chamou-nos a atenção o resultado observado na avaliação do segundo áudio (alteado), em que dos 12 ouvintes do sexo masculino, 10 atribuíram nível superior de escolaridade contra apenas 02 avaliações que atribuíram ao ensino básico. E na avaliação das mulheres, houve uma equiparação de juízos de valor, com um resultado final de 06 atribuições ao nível superior e 06 atribuições ao nível básico. Esse resultado comparativo entre as questões

04 e 05 nos levam a pensar que os ouvintes ainda preservam seus julgamentos quanto ao falar do outro em uma situação de monitoramento como essa do questionário, essas atitudes também abrem margem para interpretação de que as pessoas não querem/não gostam de cometer algum tipo de preconceito, neste caso, o linguístico.

As perguntas 06 e 07, a seguir, são complementares uma da outra e cumprem o objetivo de avaliar sea proposta de Nascentes (1953), ao afirmar que o alteamento vocálico é considerado uma divisão dialetal do Brasil, baseado na cadência e na abertura das vogais médias em posição pretônica, representa os falares do norte e do sul.

Pergunta 06: Você conhece alguma cidade do Brasil em que as pessoas falam como no segundo áudio?

Quanto à validade dessa subdivisão dialetal do Brasil, os últimos estudos dialetais apontam para a necessidade de uma nova proposição, do ponto de vista da produção. Observamos essa validade de delimitação dialetal brasileira sob as lentes do estudo de crenças e atitudes, no que tange à marca dialetal da região nordeste.

Quadro 8 – Respostas dos ouvintes fortalezenses e não-fortalezenses à pergunta 06.

Ouvintes/Localidades	Sim	Não
Fortalezenses	5	3
Paraenses	7	1
Paulistas	5	3

Fonte: Elaborado pela autora.

Diante do exposto, representado no quadro 08, nas respostas dos fortalezenses, chamou a atenção o fato de três deles terem se absentado da resposta, enquanto todos os demais do grupo responderam que sim, conhecem outra cidade do Brasil em que se fala com a realização do alteamento vocálico.

No grupo dos paraenses, observou-se que, em sua totalidade, houve um reconhecimento de ocorrências de alçamento vocálico em outras regiões do Brasil, relacionando-as a cidades da região nordeste do Brasil (que serão explanadas no próximo gráfico desta pesquisa).

Já a percepção dos paulistas demonstrou um certo grau de heterogeneidade, tendo em vista que um ouvinte se absteve da resposta, e os demais fizeram a correlação dessa realização aos falares nordestinos (apresentaremos no próximo quadro) e somente um dos ouvintes associou a realização do alteamento com "sotaques do interior onde o sotaque é mais forte", respondeu.

Pergunta 07: Se você conhece alguma cidade do Brasil em que as pessoas falam como no segundo áudio, qual é?

Essa questão também disponibilizava de um espaço onde o ouvinte poderia escrever quais as localidades brasileiras que na opinião deles apresentava um falar igual ao do segundo áudio.

De um modo geral, observou-se que os ouvintes tendem a associar a realização do alteamento pretônico à região nordeste. Confirma-se essa observação após a análise das respostas referentes à sétima pergunta do questionário, que diz: Se você conhece alguma cidade do Brasil em que as pessoas falam como no segundo áudio, qual é?

A liderança nas respostas foram as cidades nordestinas, dentre as 17 respostas, 01ouvinte apontou para a região norte, local onde se reconhecem realizações das pretônicas. Organizamos as respostas com os nomes das cidades, construindo o quadro abaixo:

Quadro 9- Respostas dos fortalezenses e não-fortalezenses referente à pergunta 07

Ouvintes/ Localidades	Cidades nordestinas que apresentam alteamento vocálico (Respostas)
Fortalezenses	<ul style="list-style-type: none"> • Natal (2x); • Fortaleza (2x); • Patos, PB;
Paraenses	<ul style="list-style-type: none"> • Belém, PA; • Parnaíba-PI, Olinda-PE, Cascavel-CE; • “Penso que o Fortalezense fala como a mistura dos dois áudios.” • “Acho que São Luis - MA”; • Ceará; • Fortaleza -Ce; • “Várias cidades nordestinas”;
Paulistas	<ul style="list-style-type: none"> • Cariri; • Teresina; • Fortaleza -Ce (2x); • Interior do Ceará e Recife;

Fonte: Elaboração da autora

Essa pergunta, subjetiva, manteve o intuito de checar se esse fenômeno constitui, de fato, a divisão dialetal brasileira, embora não sendo exaustiva nossa investigação se levarmos em conta a quantidade de ouvintes representantes das diferentes regiões brasileiras supracitadas em análise do nosso trabalho e, também, por assim dizer que os estudos dialetológicos no Brasil ainda estão caminhando, considerando a enorme extensão territorial em que o português é falado no Brasil, predispõe a cada localidade peculiaridades e modismos.

Acerca dessa discussão, Marroquim (1934, p. 13) já dizia: “o dialeto vai se armando assim para resistir à força conservadora da língua culta”, o linguista vai ainda mais

longe quando pondera ao afirmar sobre a pronúncia do vocalismo pretônico no falar nordestino, que essa realização fonético-fonológica encontra um antecedente no português quinhentista, e bem mais, ousa apostar na herança da colonização e que tenha fixado essa tendência nas nossas populações rurais, generalizadas nos dias atuais.

Do ponto de vista das crenças e atitudes, com base nas respostas dos ouvintes não-fortalezenses foram apontadas as seguintes cidades como locais em que se reconhecem a realização do fenômeno em estudo: Belém, Teresina, Recife, Parnaíba, Patos, São Luís do Maranhão, Olinda, Natal e, entre as respostas obtidas pelos ouvintes fortalezenses, percebe-se um reconhecimento do falar alteado inerente ao território do estado do Ceará, ressaltando-se as cidades de Fortaleza, Cascavel e Cariri.

Em suma, as perguntas 06 e 07 tinham o objetivo de identificar nos ouvintes fortalezenses e não-fortalezenses a qual (ais) região (ões) do Brasil eles atribuiriam o falar como no segundo áudio (com realização de alteamento) e observamos, através das respostas obtidas no questionário, que, geralmente, o alteamento é relacionado às regiões do nordeste brasileiro, apresentando apenas uma ressalva, que foi um ouvinte paraense ter reconhecido o alteamento no próprio falar, citando Belém como uma das regiões do Brasil a falar como no segundo áudio (alteado).

Dando continuidade ao rol de observações a partir de respostas obtidas pelo questionário, passa-se agora a analisar qual(ais) relação(ões) os ouvintes fazem quanto ao alteamento e aos fatores socioculturais correspondentes às profissões, à idade, ao sexo e, também, com a comunicação social. Com este objetivo analisamos as perguntas de 08 a 11.

O objetivo das perguntas 8, 9, 10 e 11 intenta identificar quais papéis sociais são atribuídos pelos ouvintes à pessoa que fala nos dois áudios: alteado x não-alteado. Na ocasião, acerca dos papéis sociais e de seus efeitos na sociedade, Lambert e Lambert (1975) afirmam ser um caso de percepção social complexa e sutil. Além disso, pressupõem que um indivíduo num papel predispõe seus sentimentos e suas expressões emocionais, sobretudo sua hierarquia social.

Martins (2010), em um estudo sobre os papéis sociais na formação do cenário social e da identidade, admite que os papéis sociais são representações sociais e compara a sociedade com um grande teatro, onde a maioria dos personagens não consegue se voltar para dentro de si mesmos e fazer uma distinção entre quem são e os papéis que desempenham. Ademais, afirma que é dentro do cenário montado pela sociedade hierarquizada que se adaptam e justificam a discriminação social.

Pergunta 08: Observando o modo de falar nos dois áudios, se tivesse que indicar a profissão do falante do primeiro áudio, você diria que se trata de:

- Professora
- Empregada doméstica
- Vendedora
- Médica
- A profissão não interfere na maneira da pessoa falar
- Outra

Essa pergunta teve o objetivo de identificar que papéis sociais os ouvintes fortalezenses e não fortalezenses atribuíam ao áudio 01 (não-alteado). No formulário elencamos seis opções de possíveis respostas, as quais estão supra listadas. Dentre as opções é possível perceber que as profissões estão associadas aos diversos graus de escolaridade: básico, superior ou ausência de instrução escolar. Além disso também há uma opção em que o ouvinte pode inferir que a profissão não interfere na maneira da pessoa falar ou ainda melhor, ele pode sugerir outra profissão.

Nesta pergunta, foi observada a percepção dos ouvintes quanto à atribuição de uma profissão à fala da pessoa no primeiro áudio (não alteado): elas atribuem uma profissão de prestígio ou de baixo prestígio ou por estarem preocupados com o “monitoramento” de suas respostas, não elegem uma profissão.

O quadro a seguir revela que, das 04 mulheres fortalezenses ouvintes desse áudio, apenas 01 delas atribuiu o falar não alteado a outra profissão, de empreendedora, que não estava dentro das opções sugeridas e 03 delas afirmaram que a profissão não interfere no modo de falar, demonstrando não ser relevante o modo de falar. Quanto aos homens fortalezenses, demonstraram uma percepção mais estratificada, ou seja, dos 04 homens ouvintes desta pesquisa, 02 deles acharam que a profissão não interfere na maneira de falar e outros 02 elegeram a profissão de professora, uma profissão de prestígio social e que exige maior grau de escolaridade para seu efetivo exercício.

As respostas da pergunta 08 estão organizadas no quadro abaixo.

Quadro 10- Respostas dos ouvintes fortalezenses e não-fortalezenses referente à pergunta 08

Ouvintes/ localidades	Profissões

	Professora	Empregada doméstica	Vendedora	Médica	Não interfere	Outra
Fortalezenses (homens)	02	-	-	-	02	-
Fortalezenses (mulheres)	-	-	-	-	03	01
Paraenses (homens)	01	01	01	-	01	-
Paraenses (mulheres)	01	-	-	-	03	-
Paulistas (homens)	01	-	-	-	03	-
Paulistas (mulheres)	01	-	-	-	03	-

Fonte: Elaboração da autora

Observando as respostas das paraenses, os resultados se assemelham ao das mulheres fortalezenses, das 04 ouvintes, somente 1 elegeu a profissão de professora, as demais consideraram que a profissão não influencia no modo de falar. Já as respostas dadas pelos homens paraenses revelam uma heterogeneidade de percepções, um deles elegeu a profissão de professora, o outro atribuiu o áudio à fala da profissão de empregada doméstica, outro paraense elegeu a profissão de vendedora e outro ainda respondeu que a profissão não interfere na maneira de falar.

Por fim, no quadro de respostas dos ouvintes paulistas, temos, nas respostas das mulheres, a seguinte configuração: 3 delas responderam que a profissão não influencia na maneira de falar e apenas 1 atribuiu a fala não alteada à profissão de professora, esse mesmo panorama de respostas deu-se nas percepções dos homens paulistas.

Essas respostas revelam que:

- A única profissão eleita, de maior prestígio social, com maior grau de escolaridade, nos dois grupos de ouvintes: professora. Foram as respostas dadas por 04 homens e 02 mulheres;
- 02 homens paraenses atribuíram ao primeiro áudio as profissões, consideradas menos prestigiosas, são elas: empregada doméstica e vendedora. Podemos inferir duas hipóteses para essas escolhas: 1º - eles não notaram o fenômeno do alteamento ou 2º - eles têm a crença de que as profissões menos prestigiosas podem ser exercidas por pessoas que podem falar com as vogais não alteadas;
- Apesar das mulheres terem sido as que mais marcaram a opção “a profissão não interfere na maneira da pessoa falar”, foram elas que mais avaliaram negativamente o falante do primeiro áudio quanto ao grau de escolaridade: das

12 mulheres, 07 atribuíram menor grau de escolaridade ao primeiro áudio, exceto o grupo de mulheres fortalezenses (todas atribuíram elevado grau de escolaridade ao falante do primeiro áudio);

- Nas respostas dos homens que disseram “a profissão não interfere na maneira da pessoa falar”, um total de 06 respostas (dos 12 ouvintes) a maioria deles (07 homens) atribuíram ao primeiro áudio muita escolaridade;

Visto isso, observamos que tanto nos grupos de mulheres e homens o que predomina nas respostas de avaliação ao falante do primeiro áudio é que a profissão não interfere no modo de falar, liderando as escolhas das mulheres sobre as dos homens. Há possibilidade de que o fenômeno do alteamento esteja presente em todos os níveis de escolaridade.

Pergunta 09: Com relação a sua resposta da pergunta anterior, caso tenha marcado a opção "outra", qual é a profissão?

A pergunta 09 tinha o objetivo de verificar se o ouvinte atribuiria outra profissão para o primeiro áudio, caso não estivesse na lista sugerida. Dos 24 ouvintes, apenas uma fortalezense, pertencente ao grupo da faixa etária II e com grau de escolaridade nível básico, respondeu que atribuiria outra profissão ao referido áudio, nesse caso, ela elegeu a profissão de empreendedora.

A seguir, apresentamos a análise da mesma pergunta, desta vez, referindo-se ao segundo áudio (alteado).

Pergunta 10: Observando o modo de falar nos dois áudios, se tivesse que indicar a profissão do falante do segundo áudio, você diria que se trata de:

- Professora
- Empregada doméstica
- Vendedora
- Médica
- A profissão não interfere na maneira da pessoa falar
- Outra

A seguir faremos a análise das respostas, organizadas no quadro abaixo:

Quadro 11- Respostas dos ouvintes fortalezenses e não-fortalezenses referente à pergunta 10

Ouvintes/ localidades	Profissões					
	Professora	Empregada doméstica	Vendedora	Médica	Não interfere	Outra
Fortalezenses (homens)	-	-	-	-	03	01
Fortalezenses (mulheres)	03	-	-	-	01	-
Paraenses (homens)	01	01	-	-	02	-
Paraenses (mulheres)	-	-	-	-	04	-
Paulistas (homens)	01	-	-	-	03	-
Paulistas (mulheres)	01	01	-	-	02	-

Fonte: Elaboração da autora

O quadro acima nos apresenta uma perspectiva diferente daquela demonstrada no gráfico anterior. De acordo com a percepção das mulheres fortalezenses, 03 delas declararam que a fala do áudio 02 (alteado) seria atribuída à profissão de professora, e a quarta ouvinte declarou que a profissão não interfere no modo de falar. Dentre os homens fortalezenses, 03 disseram que a profissão não interfere no modo de falar, e apenas 01 deles se referiu a outra profissão, diferente das que estavam sugeridas no formulário. Na ocasião, ele atribuiu a profissão de “declamador” à fala do segundo áudio.

Nas respostas de todas as paraenses, indicou-se que a profissão não é agente influenciador na maneira de falar. Quanto ao que responderam os paraenses, dois deles afirmaram que a profissão não interfere no modo de falar; um outro ouvinte paraense declarou que a fala indicaria a profissão de professora e um outro apontou empregada doméstica.

No grupo de ouvintes paulistas, as respostas das mulheres são idênticas às dos homens paraenses. E dos homens paulistas, 03 declararam que a profissão não interfere no modo de falar e um deles elegeu a profissão de professora.

As respostas revelam:

- Somente uma profissão, menos prestigiosa, foi escolhida por 02 ouvintes (01 homem paraense e 01 mulher paulista), a saber: empregada doméstica;
- Independente da pronúncia alteada ou não nos dois áudios, os ouvintes novamente elegeram uma profissão de maior prestígio social, que exige maior instrução escolar, como representante da pessoa que fala no segundo áudio, a saber: professora (02 homens e 04 mulheres);

- Apesar da maioria dos homens terem escolhido a opção “a profissão não interfere na maneira da pessoa falar”, eles foram os que menos avaliaram negativamente o falar alteado no que concerne o grau de escolaridade (dos 12 homens, somente 02 atribuíram um nível básico de ensino ao falante do segundo áudio, na 5º questão do questionário);
- As mulheres paraenses foram o único grupo que não escolheu nenhuma profissão para relacionar com o falante do segundo áudio, as 04 ouvintes não elegeram nenhuma profissão e também não sugeriram outra. Entende-se por essas atitudes que as paraenses estavam preocupadas em não cometer o preconceito linguístico;

De um modo geral, as respostas apontam para duas interpretações:

a) as avaliações dos não-fortalezenses demonstram certo receio quanto ao julgamento da fala do outro ou também o desconhecimento do fenômeno do alteamento vocálico.

b) tanto o falar alteado, quanto o falar não alteado foram mais positivamente avaliados pelos homens, e essa interpretação nos possibilita inferir que: ou os homens estão mais preocupados com o politicamente correto ou eles não reconhecem o alteamento pretônico.

Pergunta 11: Com relação a sua resposta da pergunta anterior, caso tenha marcado a opção "outra", qual é a profissão?

A pergunta 11 tinha o objetivo semelhante ao da pergunta 09: verificar se o ouvinte atribuiria outra profissão para o segundo áudio, caso não houvesse sua resposta na lista sugerida. Dos 24 ouvintes, apenas um fortalezense, pertencente ao grupo da faixa etária II e com grau de escolaridade nível superior, respondeu que atribuiria outra profissão ao referido áudio, nesse caso, ele elegeu a profissão de declamador.

A seguir, apresentamos a análise da mesma pergunta, desta vez, referindo-se ao segundo áudio (alteado).

Pergunta 12: Nos áudios, quem fala é uma mulher. Você acha que o homem pode falar igual à mulher?

O objetivo desta pergunta é verificar se o ouvinte percebe o fenômeno como específico de um gênero ou comum em ambos. Será que as crenças e atitudes entre os homens e mulheres fortalezenses e não-fortalezenses, nesse aspecto, diferem ou assemelham?

Quadro 12- Respostas dos ouvintes fortalezenses e não-fortalezenses referente à pergunta 12

Ouvintes/Localidades	Sim	Não
Fortalezenses (homens)	04	-
Fortalezenses (mulheres)	03	01
Paraenses (homens)	04	-
Paraenses (mulheres)	02	02
Paulistas (homens)	04	-
Paulistas (mulheres)	02	02

Fonte: Elaboração da autora

Os resultados mostraram que, no grupo masculino, manteve-se uma uniformidade entre as atitudes, pois todos eles responderam que a realização do alteamento pode sim ocorrer na fala de pessoas do sexo masculino. Já o oposto foi verificado nas respostas das mulheres: das 12 respostas, 05 demonstraram discordar e 07 delas foram favoráveis.

De acordo com o quadro acima, das 04 ouvintes fortalezenses, apenas 01 revelou não achar possível um homem falar como a mulher. As ouvintes paulistas e paraenses revelaram a mesma percepção: metade delas demonstra ser favorável à possibilidade de o homem falar como a mulher dos áudios, e a outra metade posicionou-se contra.

O resultado da percepção dos homens fortalezenses confirma o que foi verificado no trabalho de Araújo (2007) de que a variável sexo foi a única variável social que não foi considerada relevante em nenhuma das análises de alteamento médio pretônico no falar popular de Fortaleza, ressaltando que foi uma pesquisa realizada do ponto de vista da produção. E, também, confirma o que foi revelado no trabalho de Brenda (2017) sobre o falar culto de Fortaleza, ao concluir, na investigação, que o fator masculino privilegia o alteamento, enquanto o fator feminino intimida seu uso.

As respostas computadas no quadro 12 permitem dizer que os ouvintes não relacionam o alteamento ao sexo masculino ou feminino.

Pergunta 13: Pode-se perceber nos áudios 1 e 2 que uma mulher, provavelmente jovem é a locutora. Você acha que as pessoas mais velhas falam diferentemente das mais jovens?

Nosso objetivo com essa pergunta foi observar as crenças e atitudes dos ouvintes com relação à faixa etária, e verificamos que, entre os fortalezenses e não-fortalezenses, houve uma avaliação positiva, uma vez que se posicionam seguramente, ao afirmarem perceber a realização do alteamento no falar de pessoas mais velhas, e não apenas no falar dos jovens.

Quadro 13- Respostas dos ouvintes fortalezenses e não-fortalezenses referente à pergunta 13

Ouvintes/Localidades	Sim	Não
Fortalezenses (homens)	04	-
Fortalezenses (mulheres)	04	-
Paraenses (homens)	03	01
Paraenses (mulheres)	03	01
Paulistas (homens)	04	-
Paulistas (mulheres)	04	-

Fonte: Elaboração da autora.

O quadro acima revela, sob a ótica das crenças e atitudes, dos ouvintes fortalezenses e não fortalezenses, totalizando 24 ouvintes, que apenas 01 casal de ouvintes paraenses discorda quanto à divergência no modo de falar entre pessoas as jovens e as mais velhas. A análise Sociolinguística realizada por Araújo (2007) sobre o falar popular de Fortaleza e a realizada por Almeida (2017) no falar culto, considerando a produção do fenômeno, mostram que a faixa etária 1 (mais jovem) favorece a manutenção e inibe o alteamento. Enquanto a faixa etária 3 (mais velhos) privilegiam o alteamento. De um modo geral, os ouvintes percebem diferenças no modo de falar entre os jovens e os idosos.

Pergunta 14: Para você, diferentes realizações interferem no entendimento da frase? Por exemplo, ao ouvir [i]spelho ao invés de [e]spelho, c[u]zinhar, ao invés de dec[o]zinhar, g[u]rdura, ao invés de g[o]rdura, d[i]stampa ao invés de d[e]stampa, você compreende?

Essa última pergunta do nosso questionário qualitativo tem como principal objetivo verificar se o ouvinte avalia positiva ou negativamente a ocorrência do alteamento vocálico na pronúncia de alguns vocábulos.

Foi possível observar, nas respostas dos ouvintes dos três grupos, dos 04 paulistas somente 03 afirmaram que essas realizações interferem na compreensão da frase. Já os fortalezenses e os paraenses, de maneira geral, disseram que não há problemas quanto à compreensão de algumas palavras alteadas, um dos ouvintes paulistas relatou: “*não interfere, pois culturalmente podemos atribuir diferentes sons, mas que são entendidos, pois a palavra está dentro de um contexto que se faz*”, disse um ouvinte paraense.

Quadro 14 - Respostas dos homens fortalezenses e não-fortalezenses à pergunta 14

Ouvintes/Localidades	Interfere (não entendo)	Não Interfere (entendo)
Fortalezenses (homens)	-	04
Fortalezenses (mulheres)	02	02
Paraenses (homens)	-	04

Paraenses (mulheres)	-	04
Paulistas (homens)	03	01
Paulistas (mulheres)	01	03

Fonte: Elaboração da autora

Um ouvinte paulista complementou sua resposta dizendo: *“Eu acredito que interfere, sim, inclusive, eu acabei perdendo o foco do texto para ouvir as palavras. Porém, consegui entender o contexto geral.”* Outra ouvinte paulista respondeu dizendo: *“Sim. Hoje já estou um pouco mais acostumada pois já estou aqui no Ceará há 8 anos”*. Entendo *perfeitamente!* Mais um exemplo das respostas *“As diferentes realizações não interfere no entendimento da frase”*.

Em suma, verificou-se a percepção dos ouvintes quanto ao alteamento vocálico e, conseqüentemente, a avaliação subjetiva de cada ouvinte. O resultado apontou para uma avaliação positiva, visto que, dos 24 ouvintes, 18 responderam que a pronúncia alteada não compromete o entendimento do significado do vocábulo. Logo, não foi possível observar grande avaliação negativa dos ouvintes na presente pergunta.

Após a análise dos resultados observados no questionário fechado, pode-se concluir que os fatores extralinguísticos (sociais) apresentam relevância de seu papel social da forma mudada e evidenciam reflexos na variação e mudança linguística, conforme expressa Labov (2008, p.202), a solução para o problema da avaliação é o postulado do significado social da forma mudada.

7.2.1 Análise de Crenças e Atitudes: Questionário Fechado Avaliativo

No segundo questionário utilizado em nossa pesquisa, questionário fechado avaliativo (anexo B), tivemos a intenção de saber a opinião das pessoas naturais e residentes em Fortaleza e das que são nascidas em outros locais, mas residem em Fortaleza, o que elas realmente pensam quando ouvem o falar com as vogais pretônicas alteadas.

Sobre a valoração social de alguns dialetos, a emissão de juízos de valor sobre determinadas formas linguísticas, concordamos com o que reporta Cardoso (2015):

A questão de valor ligado à fala deve levar em conta o fato de que a língua é usada como símbolo de qualidade de um grupo. As pessoas que usam a fala para identificar um grupo social a que pertencem (ou gostariam de pertencer) são avaliadas com as atitudes mais recentes dos grupos envolvidos. (CARDOSO, 2015, p. 119)

É sobre essa valoração, quanto ao próprio dialeto (fortalezenses) e ao dialeto do outro (não-fortalezenses), que iremos refletir acerca dos resultados obtidos no questionário quantitativo.

Nesta segunda parte da análise, far-se-á computação das respostas dos ouvintes quanto às respectivas avaliações acerca do segundo áudio (alteado); serão levantados, descritos e discutidos aspectos das atitudes linguísticas. Para Cardoso (2015), um dos testes mais adequados para análise de atitudes linguísticas e reações subjetivas parece ser o questionário, por meio do qual é possível obter respostas mais claras e mais espontâneas, sem prejuízo de conteúdo das respostas que se obteriam com outros testes.

É relevante salientar também que é unânime, entre vários autores, que o questionário preenchido pelo participante da pesquisa, com indicações quanto ao preenchimento dele, contribui para a manutenção do anonimato, fundamental neste tipo de pesquisa

No questionário fechado avaliativo, observamos como os ouvintes fortalezenses e não-fortalezenses avaliam as realizações em que ocorre o alteamento vocálico pretônico. O questionário é composto por 15 frases afirmativas, sendo 09 frases de avaliação positiva e 06 de avaliação negativa em relação ao falante. O ouvinte avaliava as frases a partir de duas opções a serem marcadas: concordo ou discordo.

A partir disso, foi possível observar se o ouvinte apresentava uma avaliação positiva ou negativa do falante que realiza o alteamento. As frases foram retiradas do estudo de Botassini (2013), Cardoso (2015) e Souza (2017).

Apresentamos, a seguir, a descrição do áudio aplicado e uma tabela com as frases avaliadas pelos ouvintes.

Áudio 2: É hora de s/u/frer a ponto de ad/ui/cer e virar b/u/rocochô? Não, não. É hora de sentir a dor e dar um salto, pirueta, tique-taque. Você, apesar de menin/u/, e agora tão triste e sozinh/u/, pr/i/cisa saber, Dodô, que a vida nunca se fecha em uma questão. Nem em várias questões. Quando a dor d/i/ruba e o medo /i/spreme a gente, chegou a hora de pr/u/curar. A coragem tem artes de maga. Aquece as mãos, sopra as f/i/ridas. Traz al/i/gria e põe brilho no olhar. Cura.

Quadro 15 - Frases questionário fechado avaliativo

Positivos	Negativos
Esta pessoa é inteligente.	Esta pessoa é feia.
Esta pessoa é cuidadosa.	Esta pessoa é preguiçosa
Esta pessoa fala corretamente	Esta pessoa é antipática
Esta pessoa é confiável	Esta pessoa é tímida
Esta pessoa é trabalhadora	Esta pessoa é autoritária
Esta pessoa é engraçada	Esta pessoa sofre preconceito social
Esta pessoa é criativa	
Esta pessoa é solidária	
Esta pessoa é respeitosa	

Fonte: Adaptado de Botassini (2013), Cardoso (2015) e Souza (2017)

De acordo com Cardoso (2015) as perguntas avaliativas pautaram-se em características linguísticas e sociolinguísticas, que se dividem em quatro grupos:

- **Estéticas:** relacionadas à qualidade da voz em geral.
- **Dialetais:** subjetivas, e que demarcam a base dos estereótipos dialetais mais comuns dentro do PB.
- **Estilísticas:** relacionadas com os aspectos discursivos da língua, que nos informam a emoção sistematizada nos atos de linguagem.
- **Socioculturais:** componentes que vão além de qualificar a fala de um grupo, mostram como o dialeto se projeta em relação a outros dialetos do PB.

7.2.2 Atitudes linguísticas: Variável “sexo”

Foram elaboradas 15 questões, aplicadas aos 24 ouvintes, resultando no total de 360 respostas, no total. Ressaltamos que lidamos com a análise de 03 grupos dialetais; para cada grupo somam-se 08 ouvintes: 04 homens e 04 mulheres.

a) Características Estéticas (Variável Sexo)

Observamos que as características estéticas são as mais subjetivas, conforme explica Cardoso (2015), não há critério que indique como e porque um ouvinte acha uma fala “bonita” ou “feia”, por exemplo. No quadro abaixo estão organizadas as 05 características consideradas “estéticas” quanto ao alteamento pretônico, são elas: feia, engraçada, tímida, cuidadosa e antipática.

Quadro 16 - Características Estéticas de fortalezenses e não-fortalezenses (variável sexo)

Ouvintes/ localidades	Características Estéticas				
	Feia	Engraçada	Tímida	Cuidadosa	Antipática
Fortalezenses(homens)	01	03	-	03	-
Fortalezenses(mulheres)	-	01	-	04	-
Paraenses(homens)	-	-	-	03	-
Paraenses(mulheres)	-	02	01	03	-
Paulistas(homens)	-	01	-	03	-
Paulistas(mulheres)	01	02	-	03	-

Fonte: Elaborado pela autora

No que diz respeito à característica estética “feia”, considerada negativa, na percepção dos fortalezenses apenas 01 ouvinte do sexo masculino considera o falar alteado feio; nas respostas dos paulistas, verificamos que apenas 01 ouvinte do sexo feminino acha o falar alteado feio, já para os paraenses, não há ouvinte nem do sexo masculino e nem do sexo feminino que acham o falar alteado feio.

Sobre a característica estética “engraçada”, considerada positiva, verificamos que 03 ouvintes fortalezenses concordaram; já no sexo feminino, apenas 01 ouvinte concordou. No grupo dos paulistas, 01 ouvinte do sexo masculino e 02 ouvintes acharam o falar alteado engraçado. Para os paraenses, nenhum homem considera o falar fortalezense engraçado, mas 02 ouvintes avaliaram o falar como engraçado.

Quanto à avaliação da característica “tímida” observamos que dos três grupos dialetais, somente 01 mulher paraense considerou o falar alteado como um falar “tímido”. Pode-se inferir que a timidez não é uma característica dos fortalezenses, de um modo geral. Considerada a “capital do sol”, do humor, de pessoas acolhedoras e que adoram conversar sobre tudo, e por esses motivos, não se pode associar a timidez a um estereótipo comum do falar fortalezense.

Outra característica estética: “cuidadosa” foi a que mais obteve uma avaliação positiva dos ouvintes, de um modo geral. Dos ouvintes fortalezenses, entre homens e mulheres que participaram da audição dos áudios, apenas 01 homem discordou que a fala alteada seja cuidadosa. Na percepção dos paulistas e paraenses, apenas 01 homem e 01 mulher de cada grupo discordaram que o falar alteado seja cuidadoso. Essa avaliação permite interpretar que há uma espécie de valoração afetiva com o falar fortalezense.

Finalizando o rol de características estéticas contempladas neste questionário, a característica “antipática” foi muito bem avaliada pelos ouvintes fortalezenses e não-fortalezenses, em todos os três grupos de características; nenhum ouvinte concordou que o falar alteado seja antipático.

Visto isso, não foi possível verificar que os fortalezenses e os outros grupos dialetais avaliam negativamente o modo de falar alteado. Reconhecemos esse cenário pela maioria de respostas afirmativas tenha se direcionado aos aspectos positivos estéticos (engraçada e cuidadosa) e irrelevantes com relação aos aspectos negativos puramente estéticos da língua.

b) Características Dialetais (Variável Sexo)

Sobre as características dialetais, conforme Cardoso (2015), trata-se daquelas que mais estigmatizam os nordestinos fora de seu território, assim, a TV quando caracteriza o nordestino, enfatiza seu modo de falar principalmente nos traços fonético-fonológicos, por exemplo, na abertura das vogais.

Notamos que apesar dos fortalezenses serem vistos e reconhecidos por uma de suas características peculiares: o “cearensês, o dialeto fortalezense foi avaliado como “respeitoso” no tocante à realização da norma culta. Desse modo, o alteamento vocálico parece não ser percebido conscientemente pelos juízes (ouvintes) e por esse motivo, possivelmente, a sua realização não seja compreendida como uma realização inadequada dos usos da língua ou de desrespeito à norma culta.

Quadro 17 - Características Dialetais de fortalezenses e não-fortalezenses (variável sexo)

Ouvintes/ localidades	Características Dialetais		
	Preguiçosa	Autoritária	Respeitosa
Fortalezenses (homens)	-	-	04
Fortalezenses (mulheres)	-	01	04
Paraenses (homens)	-	-	03
Paraenses (mulheres)	-	02	04
Paulistas (homens)	-	-	04
Paulistas (mulheres)	01	-	04

Fonte: Elaborado pela autora

A primeira característica desse grupo, considerada negativa, trata-se da classificação do falar alteado como “preguiçoso (lento)”. Para os fortalezenses e paraenses, não foi computada nenhuma resposta concordando com tal definição. Já o grupo dos paulistas, somente uma ouvinte concordou que o modo de falar alteado seja “preguiçoso (lento).

A característica negativa “autoritária” somente foi considerada na avaliação de 01 mulher fortalezense e de 02 mulheres paraenses. Nos demais grupos dialetais essa característica

não foi aceita, nenhum dos outros ouvintes assumiu concordar que o falar alteado seja um falar “autoritário”.

A característica dialetal “respeitosa” foi muito bem avaliada quer pelo grupo de fortalezenses quer pelo grupo de não-fortalezenses. Os juízes fortalezenses, do sexo masculino e feminino autoavaliaram o modo de falar alteado “respeitoso”. Os juízes(ouvintes) paulistas também avaliaram o falar alteado como “respeitoso”. No grupo dos paraenses somente 01 ouvinte discordou que o falar alteado seja respeitoso.

Essas respostas nos permitem interpretar duas coisas:

- Mesmo as características dialetais serem consideradas as que mais estigmatizam o falar nordestino, fora de seu território, os ouvintes dos 03 grupos dialetais (homens e mulheres) de um modo geral, avaliaram positivamente a característica dialetal (respeitosa) e negativamente as características (preguiçosa e autoritária).
- Os ouvintes do sexo masculino assumem atitudes positivas frente às características dialetais, pois em nenhum dos 03 grupos, houve sequer alguma avaliação negativa ao falar alteado apresentado no segundo áudio.

c) Características Estilísticas (Variável sexo)

Quadro 18 - Características Estilísticas de fortalezenses e não-fortalezenses (variável sexo)

Ouvintes/ localidades	Características Estilísticas			
	Fala Corretamente	Inteligente	Criativa	Sofre Preconceito Linguístico
Fortalezenses (homens)	03	04	03	02
Fortalezenses (mulheres)	04	04	04	01
Paraenses (homens)	02	02	04	02
Paraenses (mulheres)	02	04	04	02
Paulistas (homens)	03	03	04	-
Paulistas (mulheres)	03	04	04	02

Fonte: Elaborado pela autora

Reiteramos nosso pensamento em concordância com a afirmação de Bagno (2007), ao afirmar que o preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa... Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... ao passo que gramática não é a língua.

As características estilísticas foram, do conjunto de características, aquelas que mais recebeu avaliações positivas de ambos os grupos de ouvintes, pois engloba o modo de falar alteado às características inteligente, criativa e que fala corretamente.

Para o aspecto “fala corretamente”, apenas 01 fortalezense não concordou. No grupo de paulistas, somente 01 ouvinte de cada sexo não concordou; para os paraenses as avaliações ficaram divididas – 02 ouvintes de cada sexo não concordaram com essa categorização ao modo de fala dos fortalezenses. Essas avaliações dão indícios de que para os ouvintes o alteamento não é considerado uma regra estigmatizada.

A classificação do modo de falar alteado como “inteligente” obteve muitas avaliações positivas, também. Entre os fortalezenses homens e mulheres, consideraram o próprio modo de falar (alteado) inteligente. No grupo de paulistas apenas 01 ouvinte não concordou e, no grupo de paraenses, somente 02 deles não concordaram.

Para a característica “criativa”, entre os fortalezenses e não-fortalezenses, somente 01 ouvinte fortalezense não concordou que o modo de falar alteado seja classificado como criativo. Na quarta classificação, com relação ao preconceito social, as avaliações foram mais negativas do que positivas, o que pode ser considerado um bom sinal, se partirmos da ideia de que o alteamento não é concebido uma realização que deslegitima a norma.

Essa análise nos permite inferir que:

- Quanto as características estilísticas, o alteamento pretônico foi avaliado positivamente, pelos fortalezenses e não-fortalezenses.
- A percepção dos ouvintes com relação ao falar alteado, na categoria estilo, é sobretudo associado a um falar inteligente e criativo, estilisticamente falando.
- É possível que o modo de falar esteja associado ao estereótipo do fortalezense, local reconhecido nacionalmente pelo humor, pelas habilidades criativas, artesanais, constituintes da identidade linguística local.

d) Características Socioculturais (Variável Sexo)

As características socioculturais apresentam um resultado em que há maior índice de aceitação pelos ouvintes masculinos e femininos. Nesse grupo foram listadas 03 características positivas, são elas: confiável, solidária e trabalhadora.

Quadro 19 - Características Socioculturais de fortalezenses e não-fortalezenses (variável sexo)

Ouvintes/ localidades	Características Socioculturais		
	Confiável	Solidária	Trabalhadora
Fortalezenses (homens)	04	04	04
Fortalezenses	04	04	04

(mulheres)			
Paraenses (homens)	03	03	03
Paraenses (mulheres)	03	03	04
Paulistas (homens)	04	04	04
Paulistas (mulheres)	04	04	04

Fonte: Elaborado pela autora

Foi observado nas respostas atribuídas às características socioculturais, conforme estão apresentadas no quadro acima, que a característica “confiável” foi bem aceita entre os homens e as mulheres fortalezenses e paulistas (todos concordaram). Já os paraenses apenas 01 ouvinte de cada (homem e mulher) discordaram; esse mesmo resultado foi apresentado na avaliação para a característica “solidária”. Na última característica “trabalhadora” somente 01 ouvinte paraense discordou, os demais 23 ouvintes concordaram.

As respostas para as características estética, dialetal, estilística e sociocultural, dadas na variável “sexo” permitem as reflexões:

- Entre o grupo dialetal fortalezense, na avaliação das características estéticas, as atitudes dos ouvintes foram mais positivas do que as atitudes das ouvintes. Para as características estilísticas, as mulheres se mostraram mais positivas e, para as características dialetais e socioculturais, os julgamentos entre os homens e as mulheres foram iguais (positivos);
- Entre os não-fortalezenses, nas avaliações das características positivas estéticas e estilísticas, as mulheres paulistas e paraenses se mostraram mais positivas que os homens. Quanto às características dialetais e socioculturais, as mulheres mantiveram-se com a avaliação semelhante à dos homens: maioria das avaliações positivas.
- Verificou-se que, quando se trata de avaliar as características negativas, em todos os grupos dialetais há um equilíbrio nas respostas: os ouvintes do sexo masculino e do sexo feminino discordaram. Desse modo, interpretamos que eles não querem se “comprometer” ou se monitoram para não assumirem uma atitude tida como preconceituosa.
- Quanto às características positivas, as ouvintes fortalezenses foram as que demonstraram maior aceitação do alteamento vocálico em comparação aos ouvintes do sexo masculino. Comparando o índice de respostas dos paulistas e paraenses, as ouvintes paulistas demonstraram melhor aceitação do falar alteado

do que as ouvintes paraenses. E o mesmo diagnóstico se dá quanto às atitudes dos paraenses em relação ao falar alteado fortalezense.

7.2.3 Atitudes linguísticas: Variável “Grau de escolaridade”

Conforme explicado na metodologia, nosso *corpus* é formado por dois grupos de ouvintes, com diferentes graus de escolaridade: E-I e E-II. O grau de escolaridade I (E-I) é representado por indivíduos com o ensino fundamental. O grau de escolaridade II (E-II) é representado por ouvintes que possuem nível superior.

O que pudemos observar nas respostas obtidas pelos três grupos dialetais é que, entre os fortalezenses, não houve uma diferença avaliativa entre os ouvintes de E-I e de E-II. Ambos perceberam a realização do alteamento e julgaram majoritariamente bem as características elencadas.

Entre os ouvintes paulistas, o grupo E-II demonstrou mais claramente as atitudes quanto ao juízo de valor aplicado à audição do alteamento vocálico. A mesma observação serve para os paraenses, com nível superior, que demonstraram maior posicionamento crítico quanto aos julgamentos.

a) Características estéticas (Variável Escolaridade)

Através da representação do quadro 22, observa-se que a percepção do alteamento vocálico está presente em todos os níveis de instrução escolar. Confirma-se então o que afirmou Araújo (2007) em seu trabalho acerca da produção do fenômeno no falar popular de fortaleza, que apesar de haver uma diferença de comportamento linguístico entre os falantes mais escolarizados e menos escolarizados, não se pode associar nisto uma marca de diferenciação social. Conclusão que também foi constatada no trabalho de Almeida (2017) no que tange a realização do fenômeno no falar culto de Fortaleza.

No quadro abaixo estão organizadas as respostas dos fortalezenses e não-fortalezenses, quanto ao grau de escolaridade E-I e E-II, acerca das características estéticas.

Quadro 20 - Características Estéticas dos fortalezenses e não fortalezenses (variável escolaridade)

Ouvintes/ localidades	Características Estéticas				
	Feia	Engraçada	Tímida	Cuidadosa	Antipática
Fortalezenses (E-I)	01	01	-	04	-
Fortalezenses (E-II)	-	02	-	03	-
Paraenses (E-I)	-	-	01	03	-

Paraenses (E-II)	-	02	-	03	-
Paulistas (E-I)	-	01	-	03	-
Paulistas (E-II)	01	02	-	03	-

Fonte: Adaptado de Cardoso (2015)

Nas características estéticas, começamos nossa análise pelas avaliações dos fortalezenses. Percebemos que nesse grupo houve mais avaliações positivas atribuídas às características estéticas positivas (engraçada e cuidadosa) do que para as características negativas (feia, tímida e antipática).

Na avaliação dos fortalezenses: nenhum fortalezense considerou o falar alteado antipático ou tímido; apenas 01 ouvinte do nível E-I achou a voz ouvida feia e do nível E-II nenhum deles considerou o falar alteado feio; foi considerado um falar engraçado por apenas um ouvinte do nível E-I e por 02 ouvintes pertencentes ao nível E-II; quanto à avaliação do alteamento como um modo de falar cuidadoso todos os ouvintes do nível E-I concordaram, e somente 01 ouvinte do E-II discordou.

Com a avaliação dos paulistas e dos paraenses, podemos observar: no nível E-I nenhum paulista ou paraense considerou o falar alteado “feio”, já no nível E-II somente 01 paulista avaliou o modo de falar alteado como “feio”; no que diz respeito à qualidade “engraçada”, no nível E-I entre paulistas e paraenses somente 01 paulista concordou. No nível E-II, 02 ouvintes paulistas e 02 paraenses concordaram. Para a característica “tímida”, somente 01 ouvinte paraense do nível E-I concordou. Para a qualidade “cuidadosa” tanto no nível E-I quanto no nível E-II: 03 ouvintes paulistas e 03 ouvintes paraenses concordaram. Sobre a característica negativa “antipática” entre paulistas e paraenses, não houve alguma avaliação positiva em nenhum nível de instrução escolar.

Dessas respostas, observamos:

- Percebemos que as percepções associadas às características negativas não foram bem avaliadas, ao contrário do que ocorreu com as características positivas, que foram bem avaliadas pelos dois níveis de escolaridade.
- Verificou-se, nas avaliações dos 24 ouvintes (fortalezenses e não-fortalezense) no âmbito das crenças e atitudes, indícios de que o grau de escolaridade não pode ser correlacionado há uma maior ou menor aceitação do alteamento pretônico

b) Características Dialetais (Variável Escolaridade)

As características dialetais são as que mais demarcam a reflexão metalinguística do ponto de vista da percepção dos falantes sobre o linguajar do PB.

Foram organizadas no quadro abaixo, as respostas dos fortalezenses e não-fortalezenses, conforme os diferentes graus de escolaridade: ensino básico (E-I) e ensino superior (E-II).

Quadro 21 - Características Dialetais dos fortalezenses e não-fortalezenses (variável escolaridade)

Ouvintes/ localidades	Características Dialetais		
	Preguiçosa	Autoritária	Respeitosa
Fortalezenses (E-I)	-	01	04
Fortalezenses (E-II)	-	-	04
Paraenses (E-I)	-	-	03
Paraenses (E-II)	01	-	04
Paulistas (E-I)	-	-	04
Paulistas (E-II)	01	01	04

Fonte: Elaborado pela autora

Conforme observamos no quadro, as respostas dos fortalezenses: na avaliação para a característica “autoritária” observamos que 01 ouvinte do nível E-II concordou; para as características negativas “preguiçosa” e “tímida” nenhum fortalezense dos graus de escolaridade E-I ou E-II concordou. Mas, quando foi perguntado se achavam um falar “respeitoso”, todos os ouvintes dos dois níveis de escolaridade (E-I e E-II) concordaram.

De acordo com as atitudes dos paulistas e dos paraenses: sobre achar o falar alteado” preguiçoso”, 01 ouvinte paulista e 01 paraense do nível E-II concordaram; no nível E-I, nenhum ouvinte dos dois grupos dialetais concordou. Sobre a característica dialetal “autoritária”, apenas 01 paulista do nível E-II concordou; sobre a característica “respeitosa” todos os paulistas concordaram, já para os paraenses, somente um ouvinte do nível E-I discordou.

Os dados apresentados acima, demonstraram:

- Entre os 03 grupos dialetais: fortalezenses, paraenses e paulistas, as atitudes dos ouvintes demonstraram expressiva avaliação positiva, nos dois níveis de escolaridade.

Passaremos a seguir para a análise das atitudes referentes as avaliações das características estilísticas dos fortalezenses.

c) Características Estilísticas (Variável Escolaridade)

Quadro 22 - Características Estilísticas dos fortalezenses e não-fortalezenses (variável escolaridade)

Ouvintes/ localidades	Características Estilísticas			
	Fala Corretamente	Inteligente	Criativa	Sofre Preconceito Social
Fortalezenses (E-I)	04	04	03	02
Fortalezenses (E-II)	03	04	04	01
Paraenses (E-I)	02	03	04	01
Paraenses (E-II)	02	03	04	03
Paulistas (E-I)	02	03	04	01
Paulistas (E-II)	04	04	04	01

Fonte: Elaborado pela autora

Verificamos, no quadro acima que os fortalezenses, estilisticamente, avaliam positivamente o alteamento vocálico. Para a classificação “fala corretamente” no grupo E-I todos concordaram e, para os ouvintes do nível E-II somente três fortalezenses concordaram. Já a característica “inteligente” foi a única com que todos os ouvintes dos dois níveis de escolaridade concordaram. Na avaliação do falar alteado como “criativo”, no grupo E-I, somente três ouvintes concordaram e, no grupo E-II, todos os ouvintes concordaram. Quanto à pergunta referente à característica estilística “sofrer preconceito social”, observamos que os ouvintes do nível E-II foram os que menos concordaram: dos 04 ouvintes do nível E-II, apenas 01 concordou.

As atitudes dos paulistas demonstram que o grau de escolaridade representa um fator social de relevância. Quanto à pergunta “fala corretamente”, metade dos ouvintes do nível E-I discordou, e no nível E-II, todos os ouvintes concordaram. Na avaliação da característica estilística “inteligente” novamente o nível E-I ninguém concordou e no nível E-II todos os ouvintes concordaram. Sobre achar o falar alteado fortalezense criativo, todos os 08 ouvintes concordaram, nos 02 níveis de escolaridade. E na assertiva que perguntava se o modo de falar alteado representava que o falante sofria preconceito social, nos 02 níveis escolares apenas 01 ouvinte de cada nível concordou.

Conforme o exposto, no que concerne às características estilísticas, o grau de escolaridade é um fator social que aponta indícios para as atitudes linguísticas se apresentarem divergentes, nos grupos dialetais analisados.

Finalizamos essa análise da variável “grau de escolaridade” discutindo os resultados apresentados nas respostas associadas às características socioculturais dos três grupos dialetais.

d) Características Socioculturais (Variável Escolaridade)

Quadro 23 - Características Socioculturais dos fortalezenses e não-fortalezenses (variável escolaridade)

Ouvintes/ localidades	Características Socioculturais		
	Solidária	Confiável	Trabalhadora
Fortalezenses (E-I)	04	04	04
Fortalezenses (E-II)	04	04	04
Paraenses (E-I)	04	03	04
Paraenses (E-II)	02	03	03
Paulistas (E-I)	04	04	04
Paulistas (E-II)	04	04	04

Fonte: Elaborado pela autora

As avaliações para as características “confiável”, “solidário” e “trabalhador”, entre os paulistas e fortalezenses foi positiva nos 02 níveis de escolaridade, conforme verificou-se no quadro acima. Esses dados refletem que entre os fortalezenses com diferentes níveis de escolaridade as atitudes foram positivas.

Para a característica “confiável” os paraenses menos escolarizados avaliaram positivamente: em um total dos 04 ouvintes que participaram da pesquisa. No nível E-II, somente dois ouvintes concordaram que o alteamento fortalezense é confiável. Verificou-se equivalência nas respostas quanto à classificação “solidária”, ainda assim, somente três ouvintes de cada grupo E-I e E-II concordaram. No que concerne à característica “trabalhadora”, novamente, no grupo de menos escolarizados, os 04 ouvintes concordaram; já no grupo E-II, somente 03 ouvintes concordaram.

Como foi apresentado nos quadros, a variável escolaridade desempenha um papel social relevante no cenário das crenças e atitudes do alteamento vocálico que ocorre no falar fortalezense, e dos três grupos dialetais analisados, os paraenses foram os que mais evidentemente posicionaram diferentes atitudes frente ao fenômeno em análise e em diferentes graus de escolaridade.

O próximo tópico se valerá da apresentação e discussão dos dados condizentes à variável faixa etária.

7.2.4 Atitudes linguísticas: Variável “Faixa Etária”

Nesta subseção, analisamos o fator social “idade”, com isso, mostramos o resultado das respostas obtidas pelos dois grupos dialetais, de acordo com o ponto de vista das duas faixas etárias exemplificadas na metodologia do nosso trabalho, a saber: FE-I (18-30 anos) e FE-III (45-60 anos). Apresentamos, também, a tabela numérica abaixo contendo a quantidade de ouvintes que concordaram/discordaram de cada “qualidade”.

Foram analisadas 24 respostas, divididas em 02 grupos etários, a saber: FE-I (18 - 30 anos) e FE -II (45 – 65 anos), conforme já foi explicado na sessão dedicada à metodologia. Inicialmente, não diferente do que fizemos na análise das outras duas variáveis sociais, organizamos uma tabela geral com as respostas do teste de atitudes e, em seguida, fizemos a análise de cada grupo dialetal, representada por gráficos.

Na variável “escolaridade”, constatamos que não há predominância de uma forma linguística considerada melhor ou pior (a depender do grau de escolaridade do ouvinte); observamos que as avaliações positivas perpassaram pelos diferentes níveis de instrução escolar.

a) Características Estéticas (Variável Faixa Etária)

Organizamos no quadro 26 todas as avaliações realizadas pelos ouvintes fortalezenses, paraenses e paulistas, acerca das características estéticas.

Quadro 24 - Características Estéticas de fortalezenses e não-fortalezenses (variável faixa etária)

Ouvintes/ localidades	Características Estéticas				
	Feia	Engraçada	Tímida	Cuidadosa	Antipática
Fortalezenses (FE-I)	-	02	-	03	-
Fortalezenses (FE-II)	01	01	-	04	-
Paraenses (FE-I)	-	01	01	03	-
Paraenses (FE-II)	-	01	-	04	-
Paulistas (FE-I)	-	01	-	03	-
Paulistas (FE-II)	01	02	-	03	-

Fonte: Elaborado pela autora

Para os fortalezenses de FE-II, as características estéticas foram avaliadas mais positivamente do que pelo grupo de FE-I (quanto às boas qualidades); no que concerne às más qualidades: “feia” e “antipática”, nenhum ouvinte de ambos os grupos etários concordou.

Diante do quadro acima é possível observar que os ouvintes fortalezenses de FE-II foram os que, unanimemente, responderam ao questionário considerando o falar alteado do fortalezense “cuidadoso”; já sobre a característica “engraçada”, os fortalezenses de FE-I foram os que mais tiveram atitudes positivas, resultando no “placar” de 2 x 1, o que pode ser conferido no quadro.

Para os paulistas, diante do alteamento vocálico realizado pelos fortalezenses, a atitude demonstrada para a qualidade “feia”, expressou um resultado semelhante ao dos grupos FE-I e FE-II dos fortalezenses, em que apenas um ouvinte de FE-II concordou. Na qualidade “engraçada”, os ouvintes paulistas FE-II avaliaram mais positivamente do que os ouvintes de FE-I; houve um empate de opiniões no que tange à qualidade “cuidadosa” em que três ouvintes de cada faixa etária concordaram. E sobre a característica negativa “antipática”, não foi computada nenhuma resposta de concordância em nenhuma faixa etária.

Para os ouvintes paraenses, as características negativas “feia” e “antipática” foram bem avaliadas, nenhum ouvinte das duas faixas etárias concordou com essas qualidades. Quanto à qualidade “engraçada”, apenas um ouvinte de cada grupo foi favorável; e no que diz respeito à qualidade “cuidadosa”, todos os paraenses da segunda faixa etária concordaram, em contrapartida aos da primeira faixa etária, em que apenas três concordaram.

Visto isso, podemos reconhecer que as atitudes dos grupos etários com relação às características estéticas do alteamento vocálico no falar dos fortalezenses não são tão divergentes, tanto pela autoavaliação subjetiva dos fortalezenses quanto dos não-fortalezenses.

Analisaremos, agora, as atitudes de cada grupo etário sobre as características dialetais. Nesse âmbito temos três qualidades atribuídas ao falar alteado fortalezense, sendo delas duas negativas: “preguiçosa”, “autoritária” e uma positiva: “respeitosa”.

b) Características Dialetais (Variável Faixa Etária)

Quadro 25 - Características Dialetais de fortalezenses e não-fortalezenses (variável faixa etária)

Ouvintes/ localidades	Características Dialetais		
	Preguiçosa	Autoritária	Respeitosa
Fortalezenses (FE-I)	-	-	04
Fortalezenses (FE-II)	-	01	04
Paraenses (FE-I)	-	02	04

Paraenses (FE-II)	01	-	03
Paulistas (FE-I)	-	-	04
Paulistas (E-II)	01	-	04

Fonte: Elaborado pela autora

Entre os fortalezenses, as características dialetais negativas somente 01 fortalezense de FE-II concordou que o falar alteado é “autoritário”, ou seja, a maioria dos ouvintes discordaram. Já com relação à característica positiva, “respeitosa”, nos dois grupos etários, os ouvintes concordaram.

As atitudes dos ouvintes paulistas, no que tange às qualidades dialetais negativas, divergem no grupo FE-II, em que um ouvinte paulista considera o falar alteado “preguiçoso”, nenhum deles considerou um falar “tímido” e semelhante à avaliação dos fortalezenses, todos os ouvintes paulistas, de ambos os grupos etários concordaram que o falar alteado é “respeitoso”.

As respostas dos paraenses divergem das atitudes dos fortalezenses e paulistas na última avaliação de característica dialetal “respeitosa”, diferentemente dos outros grupos dialetais, 01 ouvinte paraenses do grupo FE-II discordou que o falar alteado seja “respeitoso”.

Com base na análise dos dados apresentados no quadro 27 é possível afirmar que o fator faixa etária foi mais expressivo nas avaliações positivas do que nas avaliações negativas pertinentes as características dialetais.

c)Características Estilísticas (Variável Faixa Etária)

Quadro 26 - Características Estilísticas de fortalezenses e não-fortalezenses (variável faixa etária)

Ouvintes/ localidades	Características Estilísticas			
	Fala Corretamente	Inteligente	Criativa	Sofre Preconceito Social
Fortalezenses (FE-I)	04	03	03	02
Fortalezenses (FE-II)	03	04	04	01
Paraenses (FE-I)	02	03	04	03
Paraenses (FE-II)	02	03	04	03
Paulistas (FE-I)	02	03	04	01
Paulistas (FE-II)	04	04	04	01

Fonte: Elaborado pela autora

No que tange às atitudes referentes às características estilísticas, chamou nossa atenção o fato de as quatro qualidades estilísticas, duas positivas e duas negativas, uma de cada divergir notadamente quanto às atitudes dos três grupos dialetais em estudo. Queremos dizer com isso que para a avaliação sobre “fala corretamente” e “sofre preconceito social” os grupos FE-I e FE-II tangenciaram em termos analíticos de atitudes.

Quando se perguntou, após ouvir o áudio alteado, se o ouvinte o considerava um “modo de falar corretamente”, todos os 04 ouvintes de FE-I fortalezenses concordaram, contrapondo-se a três opiniões a favor do grupo FE-II. Quanto às qualidades “criativa” e “inteligente”, somente 03 do grupo FE-I concordaram, diferenciando-se assim do grupo em que todos 04 concordaram. Na pergunta “o falar alteado demonstra que o falante sofre preconceito social”, metade (02 ouvintes) do FE-I concordaram e apenas 01 ouvinte de FE-II concordou.

Os paulistas demonstraram atitudes diferentes em todas as perguntas dessa subseção; quanto à pergunta “fala corretamente”, somente metade do grupo FE-I concordou, diferentemente do que se expressou nas respostas do grupo em que todos (04 ouvintes) concordaram; para a qualidade “inteligente” somente um ouvinte de FE-I discordou, enquanto todos do FE-II e FE-II concordaram; se consideram o alteamento uma manifestação “criativa” da linguagem, todos os paulistas de FE-I e concordaram. Em relação à característica “sofre preconceito social”, somente 01 ouvinte de FE-I concordou, divergindo, assim, da atitude, do segundo grupo, em que nenhum dos ouvintes concordou.

Para a atitude paraense, nos dois grupos etários, dois ouvintes acham que o falar alteado é “correto”; para as qualidades “inteligente”, 03 ouvintes em cada grupo etário concordaram, e para a avaliação quanto ao falar alteado ser considerado por eles “criativo”, todos os ouvintes em cada grupo concordaram. Por fim, ao avaliar se o falar alteado sofre preconceito social, dos três grupos dialetais, os paraenses da FE-I foram os que mais concordaram (03 ouvintes) em contrapartida aos demais ouvintes.

d) Características Socioculturais (Variável Faixa Etária)

Quadro 27 - Características Socioculturais de fortalezenses e não-fortalezenses (variável faixa etária)

Ouvintes/ localidades	Características Socioculturais		
	Confiável	Solidária	Trabalhadora
Fortalezenses (FE-I)	04	04	04
Fortalezenses (FE-II)	04	04	04
Paraenses (FE-I)	02	03	03
Paraenses (FE-II)	04	03	04

Paulistas (FE-I)	04	04	04
Paulistas (FE-II)	04	04	04

Fonte: Elaborado pela autora

Finalizamos a análise da variável faixa etária, observando as atitudes expressas pelos ouvintes quanto às características socioculturais: autoritária, confiável, solidária, trabalhadora. Começamos pelas avaliações dos ouvintes fortalezenses. Ao comparar as respostas dos dois grupos etários, nas quatro características supracitadas, as atitudes só divergem quanto à “autoritária”, em que na FE-I ninguém concordou e na outra faixa etária, um ouvinte concordou. Para as demais avaliações todos os ouvintes fortalezenses concordaram.

Já os paulistas, assim como os fortalezenses, concordaram nas duas FEs: 08 ouvintes responderam que consideram o falar alteado confiável, solidário e trabalhador; porém, divergiram das atitudes dos fortalezenses quanto ao julgamento da qualidade negativa “autoritária”, em que nenhum ouvinte paulista concorda com essa emissão de juízo de valor. Para os paraenses, somente 02 ouvintes da FE-III concordaram que o falar alteado é autoritário; quanto ao julgamento do falar alteado como confiável apenas metade da FE-I concordou e todos da FE-III concordaram; quanto ao julgamento de valor do alteamento como um modo de falar solidário, três ouvintes, de cada faixa etária, concordaram. Por fim, ao julgar o modo de falar alteado como trabalhador, na FE-I apenas um discordou, enquanto na FE-III todos concordaram.

Diante o exposto, na variável “faixa etária”, os dados apontam que entre os fortalezenses o fator “faixa etária” não influencia na mudança de atitudes quanto às avaliações positivas e /ou negativas dos ouvintes, os mais velhos e os mais jovens apresentaram basicamente as mesmas avaliações.

Percebemos que ocorre o oposto entre paulistas e paraenses, os ouvintes da FE-III avaliaram mais positivamente o falar alteado do fortalezense do que os mais jovens da FE-I. Os jovens não-fortalezenses demonstram, portanto, um comportamento linguístico mais próximo da norma padrão.

8 CONCLUSÃO

Na última etapa desta pesquisa, desejamos expor, de um modo geral, os resultados suscitados através de nossa análise, guiada à luz dos ensinamentos da 3ª onda sociolinguística, da dialetologia pluridimensional, da fonética, da fonologia e da psicologia social, sobretudo. Entendemos que estudar a linguagem é isso: perpassar e translinear vários espaços sociais e contemplar o dialogismo entre teorias diversas, características essas inerentes ao fazer científico. Conforme Calvet (2002):

Existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com a variedade de línguas e para com aqueles que as utilizam, que torna superficial a análise da língua como simples instrumento. (...) as atitudes linguísticas exercem influências sobre o comportamento linguístico (CALVET, 2002, p. 65).

Acreditamos que os resultados obtidos em nossa investigação abrirão as portas para novas pesquisas no âmbito de crenças e atitudes do falar fortalezense.

Por último, e não menos importante, ressaltamos que consideramos, com os resultados apresentados a seguir, a possibilidade de se entender melhor, e/ou preparar o terreno da compreensão acerca do dialeto nordestino no que tange ao vocalismo médio pretônico, tão investigado até hoje sob a perspectiva da sua produtividade.

Cumprindo os objetivos de verificar a percepção, a avaliação e o julgamento dos ouvintes fortalezenses, paulistas e paraenses, residentes em Fortaleza, com relação ao alteamento vocálico pretônico, os resultados indicaram:

1. Os fortalezenses, independentemente da idade, do sexo e da escolaridade, fazem uma autoavaliação positiva do seu próprio dialeto, no que se refere às variantes /e/ e /o/. Entre os paraenses e os paulistas, há uma avaliação menos positiva do alteamento no falar fortalezense; destes, os paraenses demonstram ser mais criteriosos nos aspectos avaliativos, mais sensíveis quanto à percepção do alteamento e julgaram menos positivamente as características estéticas e estilísticas pertinentes ao alteamento vocálico pretônico.
2. O alteamento vocálico pretônico apresentou-se como um fenômeno que está “acima” do nível de consciência linguística dos paraenses e dos paulistas; já os fortalezenses demonstraram nas suas respostas que o fenômeno do alteamento está ainda “abaixo” do nível de consciência do ouvinte;
3. Destacamos que essa hipótese não se concretizou, portanto, é possível, sob a ótica das crenças e atitudes linguísticas, confirmar o postulado de Nascentes (1953) de que a

realização fonético-fonológica do alteamento vocálico pretônico representa um delimitador dialetal brasileiro.

Ademais, finalizamos esse momento de reflexão da investigação apresentada no presente trabalho, em concordância com Cardoso (2015, p. 118) de que os resultados verificados aqui não podem ser definidos porque qualquer avaliação é subjetiva. Assim sendo, por que nos deparamos com tantos juízos de valor atribuídos aos diferentes tipos de falares? Há forças externas que não se limitam à pressão imposta pelo sistema linguístico e que favorecem as variações e as mudanças na língua.

REFERÊNCIAS

- ALBANO, Eleonora Cavalcante. **O português brasileiro e as controvérsias da fonética atual: pelo aperfeiçoamento da fonologia articulatória**. Delta, São Paulo, 15: 291- 321, 1999.
- ALCKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 2. ed. São Paulo: Cortez, p. 21-47, 2012.
- ALENCAR, Maria Silvana Militao de. **Aspectos sócioialetais da língua falada em Fortaleza: as realizações dos fonemas /r/ e /rr/**. 184f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- ALMEIDA, Brenda Kathellen Melo de. **As realizações das vogais /E/ e /O/ pretônicas no falar culto de Fortaleza -CE sob a perspectiva variacionista**. 114f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.
- ALVAREZ, Maria Luiza Ortiz. *In*: RAZKY, Abdelhak; GUSMÃO, Elisângela. (orgs.). **Pesquisas em crenças e atitudes linguísticas**. Araraquara: Letraria, 2019. p. 133-153
- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: Editora Anhembi Ltda, 1920.
- AMORIM, Gustavo Silveira da. **O comportamento do /E/ e do /O/ pretônicos: um estudo variacionista da língua falada culta do Recife**. 170f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós – Graduação em Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2009.
- ANDRADE, K; MORAIS, M. Crenças e atitudes linguísticas como ferramenta de ensino de aprendizagem da língua portuguesa. **Revista Philologus**, v. 20, p. 938-955, 2014.
- ARAÚJO, Aluiza Alves de. **As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista**. 152f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- ASSIS, Joana d’Arc Tôrres de. **O muito e o pouco**; ilustrado por Josias Marinho. 2 ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.
- AVELHEDA, Anna Carolina da Costa Bandeira. **Alteamento Pretônico no Município do Rio de Janeiro: Avaliação Subjetiva e Fatores Condicionantes**. 226f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- BACK, E. A evolução do sistema das vogais portuguesas. **Revista Letras**, Curitiba, v. 16, 1968.

BASES por uma pedagogia da variação linguística. **Conferência** apresentada por Carlos Alberto Faraco [s.l., s.n], 2020. 1 vídeo (1h 9min 15s). Publicado pelo canal da Associação Brasileira de Linguística <https://www.youtube.com/watch?v=3kS-RHie0Zw.2020>.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. 8.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BARROS, Daniela Samira Cruz da. **Do latim ao português: estudo diacrônico sobre as vogais**. Revista de estudos clássicos e tradutórios/ Revista da Faculdade de Letras da Universidade Federal Juiz de Fora. Volume 2, número 2, agosto de 2014.

BISOL, Leda. **Harmonização vocálica: uma regra variável**. 334f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1981.

BOTASSINI, J. **Crenças e atitudes Linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no norte do Paraná**. 227f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Faculdade de Letras: Universidade Estadual de Londrina, Londrina: 2013.

BOTASSINI, J. Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso dos róticos. **Signum: Estudos de Linguagem**, v. 12, p. 85-102, 2009.

BOTASSINI, J. O. M. A Importância dos Estudos de Crenças e Atitudes para a Sociolinguística. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 18/1, p. 102-131, jun. 2015

BOTASSINI, J. A importância dos estudos de crenças e atitudes para a sociolinguística. **Signum: Estudos de Linguagem**, v. 18, p. 102-131, 2015.

BOTASSINI, J. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. **Revista Estudos Sociolinguísticos**, São Paulo, v. 37, p. 105-112, 2008.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Fonética: uma entrevista com Luiz Carlos Cagliari. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - **ReVEL**. Vol. 4, n. 7, agosto de 2006. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

CAMARA JR, José Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

CARDOSO, Denise Porto. Atitudes linguísticas de avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros. FREITAG, Raquel. Ed. São Paulo: Blucher, 2015.

CALLOU, D. & LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____; CALLOU, D. Caracterização de áreas dialetais no português do Brasil: análises de duas variáveis. In: Lucrécio Araújo de Sá Junior; Marco Antônio Martins. (org.). **Rumos da linguística brasileira no século XXI: historiografia, gramática e ensino**. 1ed. São Paulo: Blucher, v.1, p.97-122, 2016.

CALVET, Louis Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CELIA, Gianni Fontis. **As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia -ES**. 114 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos em Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

COELHO, Izete Lehmkuhl [et al.]. **Sociolinguística**– Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

CORBARI, C. Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Irati (PR). **Signum: Estudos de Linguagem**, v. 1, p. 111-127, 2012.

DE OLIVEIRA, Josane Moreira; PAIM, Marcela Moura Torres; RIBEIRO, Silvana Soares Costa. A importância do Atlas Linguístico do Brasil para o ensino de português. **Tabuleiro de Letras**, v. 12, p. 212-221, 2018.

DIAS, Marcelo Pires. **As vogais médias pretônicas nas capitais da região norte do Brasil**. Pará: IFPA. Instituto de Letras e Comunicação, 2012. Dissertação de Mestrado em Linguística.

ECKERT, Penelope. **Three Waves of Variation Study: The Emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation**. *Reviews in Advance*, Vol. 41, p. 87-100, 2012. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev-anthro-092611-145828>

FELICE, Ana Carolina Garcia Lima. Um estudo variacionista e fonológico sobre o **alçamento das vogais médias pretônicas na fala uberlandense**. 148f. (Dissertação de mestrado), Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Letras e Linguística. Uberlândia. 2012.

FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística II: princípios de análise**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

FARACO, Carlos Alberto; Zilles, Ana Maria Stahl (orgs.). **Por uma pedagogia da variação linguística: Língua, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

FONTE, Juliana Simões **As vogais na diacronia do português: uma interpretação fonológica de três momentos da história da língua**. Araraquara. UNESP. Faculdade de Ciências e Letras. 2014. Tese de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa.

GÓMEZ MOLINA, J.R. **Actitudes lingüísticas en una comunidade bilingüe y multidialectal: área metropolitana de Valencia**: Universitat de Valencia, 1998.

GUEDELHA, C. Crenças e atitudes linguísticas – um estudo dialetológico. **Revista Gatilho** (PPGL / UFJF. Online), v. 13, p. 1-20, 2011.

HRICSINA, Jam. Evolução do sistema vocálico do latim clássico ao português moderno (tentativa da verificação *in corpora*). **Études Romanes de Brno**, vol. 34, n, 2, p. 205-225, 2013.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; SANTOS, Adelmileise de Oliveira; Percepção e atitudes linguísticas em relação às africadas pós-alveolares em Sergipe, p. 109 -122. In: **A Fala Nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia**. São Paulo: Blucher, 2016.

- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LAMBERT, William. e LAMBERT, Wallace. **Psicologia social**. Rio de Janeiro, Zahar, 1966.
- LÓPEZ MORALES, Humberto. **Sociolinguística**. 3.ed. Madrid: Gredos, 2004.
- LYONS, John. **Linguagem e Linguística**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1987.
- MARTELOTTA, Mario Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2011.
- MARTINS, Maridelma Laperuta. In: RAZKY, Abdelhak; GUSMÃO, Elisângela. (orgs.). **Pesquisas em crenças e atitudes linguísticas**. Araraquara: Letraria, 2019. p. 198-228.
- MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste** (Alagoas e Pernambuco). 4ed. Maceió: UFAL, 2008.
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis & GLIARI, Luiz Carlos (2012) **Fonética**. in: Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras, MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (org.). São Paulo: Cortez. pág. 105-146
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.
- MUSSALIM, Fernanda; Bentes, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Editora Cortez, 2012.
- NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2ed. Rio de Janeiro, Simões, 1953.
- OLIVEIRA, C. A. de; PACHECO, V.; LUEDY, L. M. **Sobre o alteamento de vogais médias pretônicas no português brasileiro: uma análise bibliográfica**. Mosaico. São José do Rio Preto, v. 20, n. 1, p. 149-170, 2021.
- OUSHIRO, Livia. **Curso Introdução ao R-brul e análises de natureza sociolinguística variacionista**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2016.
- PENNA, M. Relatos de migrantes: questionando a noção de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNORINI, I. (org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas: Mercado das Letras, 2006.
- PIETTA, Ana Cláudia. **O período crítico de aquisição da linguagem e as influências na aquisição de L2: questões teóricas**. 2016. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal da Fronteira Sul. Fronteira do Sul. 2016.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística Geral**. 27.ed. Organizado e editado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Respeito Linguístico. *In*: ARNT, Rosamaria de Medeiros; SCHERRE, Paula Pereira. (org.). **Dicionário: Rumo à civilização da religião e ao bem-viver**. Fortaleza, Ce: editora da UECE, 2021. Documento eletrônico. Disponível em: <http://www.uece.br/eduece/wp-content/uploads/sites/88/2021/12/Dicion%C3%A1rio-rumo-%C3%A0-civiliza%C3%A7%C3%A3o-da-religa%C3%A7%C3%A3o-e-ao-bem-viver-Vers%C3%A3oFinal.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2022.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; VOLCÃO, Cristiane Lazzaroto. **Fonética e fonologia do português brasileiro**: 2. período. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SILVA, Myrian Barbosa da. Uma possível história das pretônicas brasileiras **Revista Linguística** / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 9, número 2, dezembro de 2013.

_____; SILVA, H. C. O poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. **Alfa**: Revista de Linguística, v. 58, p. 703-723, 2014. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/6242>. Acesso em: 23 de setembro de 2020.

SILVA, Thaís C. **Fonética e fonologia do português**. São Paulo: Contexto, (1998).

SOUZA, Silvia Carolina Gomes. **Alteamento das vogais médias pretônicas no município do Rio de Janeiro**: décadas 70, 90 e 2010 / Estudo de Crenças e Atitudes. 247f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SOUZA, Daiane Silva. **As vogais médias pretônicas na fala de Goiás com base nos dados do projeto ALiB**. Salvador: IFBA. Instituto de Letras, 2018. Dissertação de Mestrado em Língua e Cultura.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 3. ed. São Paulo: Ática S.A, 1990.

TROUBETZKOY, Nikolay Sergeyevich. Grundzüge der Phonologie. 1939. Trad. inglesa por Christiane Baltaxe, **Principles of Phonology**. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1969.

VAGONES, Elvira Wanda. A fonética e seus precursores. **Alfa**, São Paulo, 24:179-85, 1980.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

ANEXO A – QUESTIONÁRIO FECHADO

Perguntas aos ouvintes Fortalezenses, Paraenses e Paulistas.

1) Para você, os áudios 1 e 2 são iguais ou diferentes?

Iguais Diferentes

2) Com relação a resposta da pergunta anterior, caso tenha marcado a opção "diferentes", se diferenciam em quê?

*Resposta pessoal.

3) Você acha que os fortalezenses falam:

Como no primeiro áudio Como no segundo áudio

4) Se você tivesse que atribuir um grau de escolaridade à pessoa que produziu o **primeiro áudio**, você diria que ela cursou:

Ensino Básico Ensino Superior

5) Se você tivesse que atribuir um grau de escolaridade à pessoa que produziu o **segundo áudio**, você diria que ela cursou:

Ensino Básico Ensino Superior

6) Você conhece alguma cidade do Brasil em que as pessoas falam como no segundo áudio?

Sim Não

7) Se você conhece alguma cidade do Brasil em que as pessoas falam como no **segundo áudio**, qual é?

*Resposta pessoal.

8) Observando o modo de falar nos dois áudios, se tivesse que indicar a profissão do falante do **primeiro áudio**, você diria que se trata de:

Professora Empregada doméstica
 Médica Vendedora

A profissão não interfere na maneira da pessoa falar Outra

9) Com relação a sua resposta da pergunta anterior, caso tenha marcado a opção "outra", qual é a profissão?

*Resposta pessoal.

10) Observando o modo de falar nos dois áudios, se tivesse que indicar a profissão do falante do **segundo áudio**, você diria que se trata de:

Professora Empregada doméstica
 Médica Vendedora
 A profissão não interfere na maneira da pessoa falar Outra

11) Com relação a sua resposta da pergunta anterior, caso tenha marcado a opção "outra", qual é a profissão?

*Resposta pessoal.

12) Nos áudios, quem fala é uma mulher. Você acha que um homem pode falar igual a essa

Sim Não

13) Pode-se perceber nos áudios 1 e 2 que uma mulher, provavelmente jovem é a locutora. Você acha que as pessoas mais velhas falam diferentemente das mais jovens?

Sim Não

14) Para você, essas diferentes realizações interferem no entendimento da frase? Por exemplo, você entende se ouvir [i]spelho ao invés de [e]spelho, c[u]zinhar, em vez c[o]zinhar, g[u]rdura, em vez de g[o]rdura, d[i]stampar em vez de d[e]stampar?

*Resposta pessoal.

ANEXO B – QUESTIONÁRIO QUANTITATIVO

QUESTÕES	CONCORDO	DISCORDO
1. Esta pessoa que você ouviu é inteligente?		
2. Esta pessoa que você ouviu é feia?		
3. Esta pessoa que você ouviu é cuidadosa?		
4. Esta pessoa que você ouviu fala corretamente?		
5. Esta pessoa que você ouviu é confiável?		
6. Esta pessoa que você ouviu é preguiçosa?		
7. Esta pessoa que você ouviu é trabalhadora?		
8. Esta pessoa que você ouviu é antipática?		
9. Esta pessoa que você ouviu é tímida?		
10. Esta pessoa que você ouviu é autoritária?		
11. Esta pessoa que você ouviu é engraçada?		
12. Esta pessoa que você ouviu é criativa?		
13. Esta pessoa que você ouviu é solidária?		
14. Esta pessoa que você ouviu sofre preconceito social?		
15. Esta pessoa que você ouviu é respeitosa?		

ANEXO C – TEXTO PARA GRAVAÇÃO DE ÁUDIO

O texto escolhido para leitura é trecho do poema ‘Desdoer da dor’, retirado do livro “O muito e o pouco”, da autora Joana d’Arc Tôrres de Assis. A referência completa encontra-se nas Referências Bibliográficas desta dissertação.

I - TEXTO ORIGINAL.

Desdoer da dor

É hora de sofrer a ponto de adoecer e virar borocochô? Não, não. É hora de sentir a dor e dar um salto, pirueta, tique-taque. Você, apesar de menino, e agora tão triste e sozinho, precisa saber, Dodô, que a vida nunca se fecha em uma questão, nem em várias questões.

Quando a dor derruba e o medo espreme a gente, chegou a hora de procurar. A coragem tem artes de maga. Aquece as mãos, sopra as feridas. Traz alegria e põe brilho no olhar. Cura.

II- TEXTO COM ALTEAMENTO

Obs: Nas vogais grifadas de amarelo, quando estiver “E” leia-se /i/. Nas vogais grifadas de lilás, quando estiver “O” leia-se /u/.

Desdoer da dor

É hora de sofrer a ponto de adoecer e virar borocochô? Não, não. É hora de sentir a dor e dar um salto, pirueta, tique-taque. Você, apesar de menino, e agora tão triste e sozinho, precisa saber, Dodô, que a vida nunca se fecha em uma questão, nem em várias questões.

Quando a dor derruba e o medo espreme a gente, chegou a hora de procurar. A coragem tem artes de maga. Aquece as mãos, sopra as feridas. Traz alegria e põe brilho no olhar. Cura.